



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**LER E FALAR A LÍNGUA INDÍGENA BALATIPONÉ
DENTRO DE SEU CONTEXTO CULTURAL**

Luciano Ariabo Quezo - Bolsista CAPES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins

SÃO CARLOS

2022



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**LER E FALAR A LÍNGUA INDÍGENA BALATIPONÉ
DENTRO DE SEU CONTEXTO CULTURAL**

Luciano Ariabo Quezo - Bolsista CAPES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins

São Carlos

2022

Ariabo, Luciano

Ler e falar a língua indígena Balatiponé dentro de seu contexto cultural / Luciano Ariabo -- 2022.

98f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Maria Silvia Cintra Martins

Banca Examinadora: Prof. Dr. Eduardo Navarro, Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori, Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

Bibliografia

1. Língua indígena balatiponé. I. Ariabo, Luciano. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Luciano Ariabo Quezo, realizada em 01/09/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar)

Prof. Dr. Eduardo de Almeida Navarro (USP)

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (UNICAMP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Agradecimentos

Em nome do eterno Julá Paré, que se foi ancião, agradeço a todos os mais velhos de nosso povo que eu conheci, aos que se foram e aos que permanecem; em nome do professor Luizinho Ariabo Quezo, agradeço a todos os professores de línguas da Escola Julá Paré; em nome da diretora da Escola Julá Paré, a professora Eliane Boroponepá, agradeço a todos os demais professores que contribuíram com a minha formação; meu enorme agradecimento a alguém que foi além da orientação e da função de professora, a professora Dra. Maria Sílvia C. Martins, alguém que me acompanhou e me orienta desde o início de minha graduação até nesta fase de mestrado.

Dedicatória

Aos meus familiares: minha amada mãe, Vera Lúcia Ariabo Quezo (minha melhor amiga); ao meu saudoso e eterno pai, Luiz Gonzaga Quezo (uma personalidade extremamente potente em minha vida), aos meus irmãos e a minha irmã (a primogênita de meus pais e segunda mãe), aos meus filhos, Gabriel, Isabelly e Akiamany (os que ensino e aprendo, fontes de minha energia). Dedico a todo meu povo Balatiponé, a todos aqueles que resistiram e fizeram com que permanecesse a memória ancestral Balatiponé. Dedico às crianças, aos jovens e aos adultos que se interessam e interessarão em aprender a língua Balatiponé. Dedico a todos os acadêmicos indígenas que perpassam e perpassarão pelas universidades desse nosso país, em especial, aos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

RESUMO

O cerne desta Dissertação de Mestrado é apresentar uma Sequência Didática de leitura e prática da língua indígena Balatiponé para alunos a partir do 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental da escola indígena do território Balatiponé de forma a ampliar o conhecimento deste sistema linguístico, além de gerar repercussão social junto à comunidade indígena em que a pesquisa foi depreendida, aproveitando, assim, o interesse dos jovens e adultos em ampliar seu conhecimento concernente a esta língua. Outra postura de considerável importância almejada aqui é de que este trabalho possa promover um significado profundo à Universidade em uma perspectiva política, compreendendo que esse âmbito tem sido demandado por diversas pesquisas apresentadas por indígenas a partir de sua presença como estudantes. Portanto, a produção deste material vem reforçar essa marca simbólica na contemporaneidade do Brasil, que é o advento da epistemologia indígena na Universidade apresentada pelos próprios indígenas com maior grau nas duas últimas décadas. Os primeiros passos metodológicos desta pesquisa envolveram a realização de levantamento bibliográfico junto a professores indígenas do povo que já lançaram materiais da língua, assim como de registros linguísticos de pesquisadores não-indígenas, além de valer-se do conhecimento do próprio pesquisador referente à sua língua materna. O segundo passo foi dialogar com professores que atuam na área de línguas na Escola Julá Paré do território Balatiponé para obter melhores informações sobre o que vem sendo construído na escola tangenciado a língua. O terceiro passo, com base nos passos anteriores e com a exploração de modelos de autores que realizaram projetos semelhantes, visa construir uma Sequência Didática para ler e falar a língua indígena Balatiponé, a fim de contribuir para fortalecer a formação dos profissionais da Educação Básica Intercultural Indígena, assim como para a própria educação escolar nas aldeias incentivando a retomada da cultura e da língua indígena Balatiponé.

Palavras-chave: Balatiponé; Língua Indígena; Sequência Didática; Ensino de Língua

ABSTRACT

The core of this Master's Thesis is to present a Didactic Sequence of reading and practice of the Balatiponé indigenous language for students from the 6th (sixth) year of Elementary School at the indigenous school of the Balatiponé territory to broaden the knowledge of this linguistic system. It aims to generate social repercussions with the indigenous community in which the research was conducted, thus taking advantage of the interest of young people and adults in expanding their knowledge regarding this language. Another position of considerable importance sought here is that this work can promote a profound meaning to the University from a political perspective, understanding that this scope has been demanded by research presented by indigenous people from their presence as students. Therefore, the production of this material reinforces this symbolic mark in contemporary Brazil, which is the advent of indigenous epistemology at the University presented by indigenous people more frequently in the last two decades. The first methodological steps of this research involved carrying out a bibliographical survey with indigenous teachers who have already released language materials, as well as linguistic records of non-indigenous researchers, in addition to making use of the author researcher's knowledge of their mother language. The second step was to dialogue with teachers who work in the languages area at the Julá Paré School in the Balatiponé territory to obtain better information about what is being built at the school in terms of Balatiponé language. The third step, based on the previous steps and with the exploration of the author's models who carried out similar projects, builds a Didactic Sequence to read and speak the Balatiponé indigenous language. To contribute to strengthening the training of professionals in Indigenous Intercultural Basic Education, as well as for school education in the indigenous villages, encouraging the resumption of the Balatiponé indigenous culture and language.

Keywords: Balatiponé; Indigenous language; Didactic Sequence; Language Teaching

Sumário

Sumário	13
CAPÍTULO 1	23
1.1. Xipá Erukwá Balatiponé (A Casa da Língua Balatiponé)	23
1.2. Educação Indígena e Escolar	28
1.3. Educação Escolar Indígena em Mato Grosso	29
1.4. Educação Escolar Indígena Balatiponé	31
1.5. Julá Paré	34
CAPÍTULO 2	36
Fundamentação Teórica e Metodologia de Pesquisa	36
CAPÍTULO 3	42
Upurú Erukwá – Anatomia da Língua	42
3.1. Quadro fonológico e material pedagógico de sintaxe	46
CAPÍTULO 4	50
Língua Balatiponé em Uso	50
Unidade 1	58
Unidade 2	66
Yaketô makiahí koxiporé imí	66
Pauta:	66
Yaketô makiahí koxiporé imí	66
Yaketô makiahí koxiporé imí	66
A grande amizade	66
Unidade 3	76
Apontamentos	78
Unidade 4	80
Apontamentos	84
Unidade 5	85
Apontamentos	90
Unidade 6	91
DISCUSSÃO FINAL	101
Referências Bibliográficas	102

INTRODUÇÃO

Foi de todo o meu coração que investi nesta pesquisa, foi de alma que abracei a história e a identidade de meu povo com enorme orgulho, sou neto e filho de Balatiponé, minha linhagem exerce o legado daqueles que resistiram com bravura a todas as sedições inerentes ao massacre histórico da colonização. Por isso mesmo, me sinto na responsabilidade de oferecer aportes significativos à altura e no âmbito das questões de identidade linguística de meu povo, com a mesma bravura e resistência de meus antepassados.

Imí taré Ariabo Kezo Balatiponé, mistikamé?

Eu sou Ariabo Kezo Balatiponé, e você quem é?

As línguas indígenas têm se colocado como potencialidade no bojo dos estudos linguísticos no Brasil, principalmente pelas contribuições para o estudo da linguagem humana. No livro resultante de palestra *Introdução às línguas indígenas brasileiras*, Câmara Junior (1965) apontou três grupos diferentes de pesquisadores no campo de línguas nativas brasileiras, in loco, com indígenas: um grupo de geógrafos, naturalistas e etnólogos; o segundo grupo é o de participantes da Comissão Rondon e por último os missionários. Esses grupos eram paritários ao desenvolvimento da tupinologia Câmara Junior (1965. p, 58). Desses estudos provieram abundantes registros de línguas indígenas que, uma vez registradas, favoreceram uma catalogação copiosa de línguas trazendo a compreensão de suas ascendências niveladas em dois troncos linguísticos (Tronco Jê e Tronco Tupi) e em nível familiar, a exemplo: karib, pano, maku, yanoama, mura, tukano, katukina, txapakura, nambikwara e guaicuru. Dessa genealogia linguística ramifica o que se denomina línguas indígenas brasileiras, juntamente com as línguas consideradas isoladas que são justamente as que não pertencem a nenhuma família e tronco linguístico reconhecidos.

No Brasil, ainda conta-se com 305 povos e 274 línguas indígenas segundo os levantamentos do IBGE (2010), embora se tem uma estimativa de que até o início da colonização do Brasil havia 1.300 línguas, só originárias do país. Para tanto, ainda existe precariedade em estudos linguísticos que abordam a realidade indígena contemporânea a partir de um viés indígena. A saber, já é sentido em alguns trabalhos recentes como o de

Melgueiro (MELGUEIRO, 2009) que se movimentam na valorização da aplicabilidade do olhar indígena sobre a gramática das línguas indígenas.

Melgueiro é indígena, membro do povo Baníwa da região amazônica, Alto Rio Negro. Como pesquisador acadêmico investigou aspectos específicos do idioma Baníwa. Esse idioma compunha, na época, junto ao Tukano e ao Nheengatu os três idiomas indígenas cooficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas. Em sua dissertação, Melgueiro priorizou trabalhar os classificadores nominais da língua Baníwa do Içana, e explica que a sua pesquisa surge, justamente, da necessidade dos próprios professores indígenas Baníwa desejarem entender a estrutura de sua língua nativa, mediante a ciência linguística. Lembramos que, hoje, também a língua yanomami foi cooficializada nesse município.

Os pesquisadores não-indígenas que voltaram seus estudos para as línguas originárias do Brasil exerceram um papel extremamente significativo para que a sociedade brasileira reconhecesse as diversas línguas na atualidade, desde as suas genealogias pressupondo a diversidade e toda uma historicidade que cada língua originária logra no país. Reverberando esse reconhecimento, é digno mencionar o quão valioso é o papel que esses estudos representam, ao serem aportados por uma produção e perspectiva indígena no âmbito da academia, pois isso possibilita que as demandas nessa área, presentes nas comunidades ou povos indígenas a que o pesquisador pertence, sejam respondidas com um nível de sensibilidade maior. Dentro dessa premissa, Melgueiro nos traz:

A escolha do tema da minha dissertação de mestrado fundamentou-se no fato de que, além de entrelaçar léxico, morfossintaxe e contexto discursivo, também reflete um olhar Aruák Baníwa de ver, sentir e organizar os elementos que constituem o universo. A escolha fundamentou-se também no fato de eu ser conhecedor nativo da língua Baníwa, professor de línguas na região do Alto Rio Negro e preocupado com a formação lingüística de meus parentes Baníwa e demais parentes. (MELGUEIRO, 2009, p. 10)

Com essa assinatura, esse pesquisador, junto a outros pesquisadores indígenas, reforça uma rubrica diferente no campo de discussão da ciência linguística no Brasil, já que, em tal caso, não se trata de uma discussão de quem “fala sobre”, dentro de certo distanciamento, mas uma posição de quem “fala de” um universo ao qual também pertence. Isso significa uma expressividade decorrente de dentro para fora de algo, ao

passo que “falar sobre” sugere a ideia de um movimento de opinião realizado de fora de algo para esse algo, a exemplo, um pesquisador não-indígena fala sobre uma língua indígena, um pesquisador indígena abordando sua língua fala de língua indígena de seu povo. E, nessa abordagem de “falar de”, posicionando-se internamente, podem fluir com mais ênfase pelo pesquisador indígena os anseios de um conjunto de detalhes, demandas subjacentes à língua abordada na pesquisa, como bem se realiza a dissertação de Anari Braz Bomfim, pesquisadora indígena Pataxó, do povo Pataxó da região sul da Bahia. Sua pesquisa foi pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sua dissertação se intitula, Patxohã, “Língua de guerreiro”: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó”. Esse trabalho, caracterizado pela própria pesquisadora como estudo etnográfico, manifesta principalmente o processo de retomada da língua Pataxó envolvendo não só o sistema dessa língua em si, mas toda a atmosfera circundante a ela, atmosfera formada desde a ocasião sombria da colonização do povo incidindo na prática do Patxohã, um contexto que levou Loukotka (1939) a apontar a língua Pataxó como extinta. Relata, também, o significado do “ser pesquisador”, uma ideia que extrapola as práticas restritamente acadêmicas; a pesquisadora discute o termo “revitalização da língua” com o uso da expressão “retomada da língua” fazendo alusão ao movimento de reconquista do território de seu povo, dessa maneira a autora, expõe:

Assim, o termo retomada que aqui me refiro, representa o processo dinâmico, coletivo, que a língua pataxó perpassou no decorrer da história e da vida do povo pataxó, durante mais de quinhentos anos. Em vista do processo de colonização, os Pataxó tiveram suas terras usurpadas, e isso implicou na maneira de viver deste povo. No processo de resistência, tiveram muitas vezes que lutar para reconquistar seu território e reconstruir-se novamente, para a sua sobrevivência. (BOMFIM, 2012, p. 11)

Por conseguinte, Anari Pataxó evidencia todo um processo que motiva a ação de “retomar a língua”, calcado por demandas de um coletivo, cujo interesse de envolver-se com a língua mesmo que em cunho sistemático, como pesquisador, é diferente do interesse daqueles três grupos mencionados por Câmara Junior, o que torna lógico a distinção de como a pesquisa será desenvolvida e expressada ao ser concluída. Partindo dessa discussão, Anari sustenta:

A categoria “Pesquisadores Pataxó”, a princípio, foi um termo apropriado que utilizei para designar os Pataxó, conhecedores da escrita ou não, cujo papel é pesquisar, conhecer, registrar, na escrita ou na memória, os conhecimentos do universo sociocultural e histórico do povo Pataxó, para contribuir no fortalecimento da cultura Pataxó, seja nas atividades desenvolvidas dentro da comunidade ou em outros espaços. A condição de ser “um pesquisador Pataxó” não surgiu na academia, surgiu na aldeia mesmo, no desejo de saber mais e registrar sobre sua própria história, tendo a preocupação de refletir e repassar, a partir de ações, para os outros mais novos. (BOMFIM, 2012, p. 58)

Em vista disso, este trabalho que me propus desempenhar não destoa da marca de afirmação linguística e da preocupação em manter a sabedoria de uma língua indígena via um trabalho de ensino-aprendizagem desta língua. A história dos Balatiponé, o processo de “retomada da língua”, se assemelha demasiado com a história e com o processo de retomada da língua Pataxó relatados por Anari. Nós, estudiosos linguísticos temos a consciência de que a língua pronunciada por cada um de nós é um patrimônio imaterial de valor imensurável e representa uma marca identitária para qualquer sociedade no planeta. Por trás de cada fenômeno linguístico estão guardados gamas de conhecimentos, um universo inteiro de informações, uma peculiar forma de inferir o mundo, nessa ordem Câmara Junior (1965. p, 17) indica: *“A língua é assim, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo, as suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural.”*

A partir dessa noção, esse trabalho linguístico delimita-se na exploração da língua indígena Balatiponé, própria do povo Balatiponé, aportando a ideia de falar de língua indígena, expressando anseios contornados e subjacentes à língua Balatiponé.

É importante frisar que o povo Balatiponé vem trabalhando na retomada de seu saber, principalmente os jovens que estão conscientes de que devem manter e valorizar sua identidade a partir de princípios ancestrais, desde a história da origem do povo, incluindo mitos, rituais, cantos, artesanatos, vestimentas típicas, pintura corporal e, principalmente, o idioma nativo (Kezo, 2017).

Tal busca provém de um distanciamento involuntário entre a população Balatiponé e suas respectivas práticas culturais e linguística, uma situação recorrente na realidade de muitos povos indígenas no Brasil e consequência do processo histórico

lamentavelmente vivido por cada um, marcado pelo elevado grau hostil da colonização desde o primeiro contato em 1.500.

Por toda extensão histórica secular de contato com os não-indígenas, o povo Balatiponé, cujo território originário, que outrora era de maior envergadura comparado ao que é, atualmente se localiza no município de Barra do Bugres, estado de Mato Grosso, Brasil. Esse povo galgou diversas crises por mérito de confrontos históricos aos quais foi submetido, a fim de garantir a proteção de sua vida, a proteção de seu patrimônio territorial, os membros reagem às ameaças. O efeito dessas reações culminou num impactante declínio demográfico ao ponto dos Balatiponé quase entrarem para as estatísticas dos povos indígenas extintos com toda a sua marca ancestral no mundo, inclusive seu legado linguístico. Ao longo dessas crises, a autoestima da pouca população sobrevivente foi agudamente prejudicada e, neste cenário, subjugados pela hegemonia da língua portuguesa e da sobreposição de outra cultura por intervenção do não-indígena no interior de seu território, as práticas originárias que eram plenas anteriormente foram se diluindo diante da imposição sociocultural da sociedade dominante. Para tanto, desde o final da década 1990 tem calhado um movimento grandioso que consiste em tornar ativos novamente os saberes ancestrais Balatiponé, uma predisposição dos jovens que recorreram à experiência dos mais velhos, figuras pilares que se uniram às escolas locais do território indígena para fortalecer ainda mais a identidade ancestral Balatiponé.

Com uma grande vulnerabilidade populacional, com risco de desaparecimento, conforme relatos dos representantes mais velhos do povo, em torno da década de 1930, os Balatiponé passaram a constituir famílias realizando casamentos interétnicos com povos indígenas vizinhos. Essa mescla étnica resultou na atualidade num complexo cultural de onze povos diferentes habitando o mesmo território. Parte dessa iniciativa foi promovida pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) atualmente Fundação Nacional do Índio (FUNAI), instituição fundada pelo Marechal Cândido Mariano Rondon, considerado também “pai do telégrafo”. A instituição, que iniciou o contato com os Balatiponé em 1911, levou para o território Balatiponé primeiro membros dos povos Pareci e Nambikuara, tanto homens quanto mulheres. Tempos depois passaram a residir na região os povos Bororo, Terena, Bakaíri, Kaiabí, Mamoki ou Irantche, Chiquitano, Surui e Mamaiendê. Hoje, todos os pertencentes à comunidade, independentemente de seu povo e da origem étnica, se auto-denominam “Balatiponé”, com vistas a desenvolver

ações conjuntas, sejam políticas ou culturais. A população Balatiponé atual é estimada em aproximadamente seiscentas pessoas, que vivem basicamente da agricultura especializada na mandioca, arroz, milho, banana, batata, da caça e pesca e do comércio de artesanato.

Atualmente foi implantada na aldeia uma escola do Ensino Fundamental e Médio diferenciada, isso pelo fato de mesclar a realidade indígena e também a não-indígena em sala de aula. É digno de nota o fato de que o corpo docente é constituído por sujeitos do próprio local, o que é considerado vantajoso, porque é abordado o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula de acordo com a realidade cotidiana do povo, incluindo de maneira intercultural o ensino e as disciplinas educacionais curriculares da sociedade envolvente. A diferenciação também centra-se na inclusão de três disciplinas: “Artes e Cultura”, “Tecnologia Indígena” e “Língua Materna”. A primeira desenvolve estudos sobre a arte e a história específica do povo Balatiponé, pesquisando símbolos, significados, artefatos e as narrativas que constituem a identidade do povo; também buscam conhecer a cultura de outros povos indígenas para tomar como exemplo e fazer comparações, ampliando cada vez mais os seus conhecimentos de outras culturas. A segunda disciplina de “Tecnologia Indígena” aborda todos os conhecimentos de vários membros da comunidade que não são professores de formação acadêmica necessariamente. Essa abordagem é voltada para a prática do fazer, aproveitando os recursos humanos e matérias primas provenientes da área geográfica do território em questão. Por último, a disciplina “Língua Materna” trabalha com o idioma Balatiponé. Os professores buscam trabalhar em sala de aula a gramática, as variantes dialetais, a fonética e a grafia. Porém, é importante destacar o fato de certa defasagem com relação às abordagens contemporâneas do ensino de línguas, que as consideram de forma contextualizada, levando em conta o cotexto e o contexto sócio discursivo.

De toda forma, a multidimensionalidade cultural, assim como acontece no caso de outros povos indígenas, é entendida pelas lideranças locais como um importante bem cultural a ser preservado, não apenas como memória, mas como parte de um conjunto de relações vivas, cotidianamente redimensionadas pelos seus praticantes, sensíveis à novos influxos de informações e de tecnologias advindas de outras culturas, porém segundo seus próprios termos e prioridades locais.

Com base nesses dados, esta Dissertação de Mestrado dá continuidade ao projeto que desenvolvemos no curso de graduação em Letras, na UFSCar, com a denominação “*A importância da língua umutina na educação escolar indígena*” (Kezo, 2012, PIBIC/FAPESP). O interesse inicial da pesquisa de Iniciação Científica surgiu da percepção pessoal proveniente do território indígena em questão a qual detectou a necessidade de fortalecer sujeitos que já trabalhavam como professores na comunidade indígena Balatiponé, que se localiza a cerca de sete quilômetros do município de Barra do Bugres, no estado do Mato Grosso (MT).

- 1) A pesquisa de Iniciação Científica partiu da postulação da importância de se conhecer melhor a história da própria comunidade indígena para, com base nisso, poder contribuir para a revalorização da sua língua originária. Foram envolvidos professores e alunos, como também as pessoas mais idosas, de modo a se ter acesso, através de entrevistas, à história e à mitologia do povo Balatiponé. Foi também considerada a necessidade de se entender que tipo de comunicação – escrita ou não – era utilizada antes do contato com a sociedade não-indígena, como também de se efetuar o levantamento de censos dos professores indígenas Balatiponé que ministravam as aulas na aldeia, ora em língua indígena, ora em língua portuguesa, de acordo com as diferentes disciplinas. Ao final do primeiro ano de levantamento de dados, concluiu-se que havia necessidade de se desenvolver pesquisa específica voltada à produção de material didático para as crianças menores, particularmente para aquelas que vêm ingressando no Ensino Fundamental. A pesquisa centrou-se então nessa perspectiva da construção de um material que desse conta de aproveitar os recursos linguísticos da língua indígena Balatiponé ainda existente, seja dos falares de alguns membros povo, seja da memória de mais velhos, seja dos professores e dos seus materiais produzidos a esse respeito, bem como dos produtos bibliográficos feitos por pesquisadores não-indígenas. Assim, acompanhando e dando continuidade ao processo produtivo iniciado na graduação esta pesquisa de Mestrado se orienta conforme as justificativas a seguir: O momento contemporâneo da revitalização ou pró-vitalização de línguas indígenas no âmbito nacional e internacional;

- 2) A necessidade de um conhecimento mais aprofundado dessas línguas com a colaboração das populações nativas;
- 3) A necessidade da construção de gramáticas e de dicionários tendo-se como suporte as tendências epistemológicas presentes nos estudos linguísticos contemporâneos.

Entre outras coisas, uma abordagem metodológica na qual o observador-pesquisador é nativo da língua indígena em pesquisa é interessante para questões epistemológicas. A partir do viés nativo, esta dissertação comporta subsídios para a documentação e prática da língua Balatiponé, tronco linguístico Macro-Jê (RODRIGUES, 1986) falado na Terra Indígena Umutina, região dos afluentes do Alto Rio Paraguai, estado do Mato Grosso, no Brasil.

Dentro dos objetivos específicos, destacam-se:

- (a) revisão bibliográfica em torno de estudos linguísticos da família Bororo-Balatiponé e revisão histórica e antropológica da região da Terra Indígena Umutina – MT;
- (b) documentação linguística a partir de narrativas orais da comunidade;
- (c) diálogo com professores de línguas da escola local, Julá Pará, que já tem trabalhos desenvolvidos sobre a língua Balatiponé.

É importante frisar a nossa experiência como pesquisador com relação à língua através da vivência desde a infância com falantes antigos da língua. Esses falantes enquanto vivos possuíam estatuto de anciões e mantiveram conhecimentos profundos sobre o viver Balatiponé e sobre a linguagem originária. A importância disto implica considerações éticas para o pesquisador na comunidade, a saber, dentro da perspectiva cultural desse povo indígena, bem como em outras culturas indígenas, se preza muito pela figura do ancião, pois esse é tido como referência por sua extensa experiência de vida e o conhecimento que preservou em sua memória. Por essa razão, qualquer forma que instigue, neste contexto, encontros entre faixas etárias distintas – o ancião e o jovem – promove a continuidade da rede de permanência e de transmissão desses conhecimentos.

O Capítulo 1 está dividido em cinco seções, e a primeira seção apresentará, de maneira geral, a antiga e a atual localização geográfica do povo, bem como, o motivo pelo qual a migração se deu, nessa mesma parte também apresentaremos a configuração histórica e os aspectos que resultaram no contexto social, cultural, político e linguístico

que o povo vive atualmente, inclusive, com relação à Educação Escolar local, já sendo apontada no fechamento dessa primeira seção.

A segunda seção trata das políticas nacionais voltadas para a Educação Escolar Indígena que se originam oficialmente na constituição de 1988, com continuidade na Lei de Diretrizes e Bases e na Resolução 5/2012, sendo essas políticas asseguradas até mesmo em tratados internacionais.

Na terceira parte serão apresentadas as políticas de Educação Escolar Indígena em nível estadual com consciência de que essa é distinta da Educação Indígena, sendo a primeira construída pelos e para os 43 povos indígenas do estado de Mato Grosso. Esse tema é apresentado em ordem cronológica e em níveis governamentais, desde o federal, estadual até seus efeitos na base que é justamente o que será exposto na quarta seção a qual se refere à Educação Escolar Indígena Balatiponé. Fechando, assim, com a reflexão e resultados de como todas essas políticas refletem para o fomento das línguas indígenas no âmbito escolar nos territórios indígenas. O Capítulo 1 termina com a história de Julá Paré, ancião detentor da língua Balatiponé, uma figura que, de tão importante, que é homenageado e dá nome a uma das escolas do território.

O Capítulo 2 trata da Fundamentação Teórica, entre outros embasamentos essa composição do trabalho se debruçará principalmente nas discussões teóricas que envolvem as abordagens criativa, interacionista e sócio-discursiva, um conjunto de noções desenvolvidas por vários estudiosos do campo de ensino de línguas, noções essas que também estão presentes na gramática internalizada. Envolvido com língua materna espera-se que o aprendiz com sua própria criatividade e, a partir de contato com diferentes gêneros discursivos, atinja um grau de consciência crítica e perceba a estrutura, a forma e o funcionamento da língua alvo na medida em que o avanço acontece. Também no Capítulo 2, é apresentada a Metodologia de Pesquisa e são explicados os motivos porque foi alterada em relação ao projeto inicial.

A partir do capítulo 3 se mencionará os pesquisadores não-indígenas e indígenas que registraram e mobilizaram dados importantes da língua Balatiponé, será traçado alguns aspectos de cunho descritivos da língua, além de apresentar excertos do Trabalho de Conclusão de Curso de um dos professores indígenas que atua na escola Paré, um trabalho que se aproxima a proposta de SD. O capítulo 4 será a apresentação da SD em si

CAPÍTULO 1

Este capítulo busca explicar sobre autodenominação do grupo étnico, ilustrar a dimensão territorial que o povo dominava séculos atrás e as razões do porquê migrou para uma área menor na qual permanece até a atualidade. Evidencia-se ainda neste capítulo a distribuição do povo ao longo do território e seu reconhecimento oficial. E é nesse espaço físico e simbólico que se encontra a casa da língua marcada por lutas e resistência.

1.1. Xipá Erukwá Balatiponé (A Casa da Língua Balatiponé)

Buscamos evidenciar o uso do termo pelo qual o povo passou a ser mais conhecido em um dado momento da história e pontua o uso da autodenominação a qual está sendo fortalecida dentro da própria população indígena; será descrita a dimensão territorial que os Balatiponé dominavam séculos anteriores e as razões do porquê migraram para uma área menor e na qual permanecem até a atualidade; Tocará ainda neste capítulo a distribuição do povo ao longo de seu território e o momento histórico de reconhecimento oficial do próprio como Terra Indígena. E é nesse espaço físico e simbólico que se encontra a casa da língua marcada por diversos processos de impactos transformativos a adaptativos na vida dessa população; no passo posterior se abordará a Educação Escolar Indígena com as determinações desde o nível federal perpassando para o nível estadual e sua condição no aspecto local (território); concluiremos o capítulo apresentando o membro Balatiponé, Julá Paré.

O termo Balatiponé significa “povo antigo” foi traduzido para o português com uma divergência de tradução para “gente nova”. Segundo Julá Paré, o povo Balatiponé deriva de outro grupo, um grupo que acompanhou a formação do mundo e a origem da humanidade, os Boloriê. Conforme a história, os Boloriê representam um grupo de pessoas da primeira Era Planetária, que acompanharam o surgimento do Sol, da Lua, das estrelas, a origem dos peixes, dos répteis e outras formações.

Os Balatiponé são oriundos dos Boloriê, mas não, necessariamente, são considerados “gente nova”, haja vista que, dos Balatiponé surgem outros povos para o mundo segundo a história dos antigos, talvez seja nessa passagem de Boloriê para

Balatiponé tenha vertido a ideia de que são pessoas novas, e nossa posição a esse respeito acompanha a explicação de Julá Paré.

É importante dizer que ao longo do tempo esse povo adquiriu alguns nomes de cunho depreciativo inseridos por outros grupos indígenas e não-indígenas, como o apelido Barbados, Bugres e o mais conhecido, Umutina. O termo Umutina, etimologicamente falando, advém da expressão *imuti* do idioma do povo Pareci, dizem os mais velhos. Os Pareci sempre foi um povo vizinho dos Balatiponé. A expressão *imuti* se dá em nosso povo quando em uma determinada ocasião integrantes do povo Pareci se encontram com integrantes do povo Balatiponé. Uma boa parcela do povo Pareci viveu e vive no cerrado, os Balatiponé tradicionalmente sempre viveram e vivem em mata densa, em virtude disso, a diferença de cor de pele era bastante nítida entre os Balatiponé e os Pareci por conta da produção diferente de melanina. Pelo fato dos Balatiponé terem a pele mais clara e os cabelos encaracolados os Pareci os comparavam aos *imuti*, do idioma Pareci traduzido para o português, “não-indígena”. Com o passar do tempo, a pronúncia foi se modificando até se tornar “Umutina”.

O termo Bugre já era uma expressão geral que muitos utilizavam para designar aos originários do Brasil, o valor desse termo equivale a pagão, herético, até mesmo selvagem. Não é aleatório que a cidade vizinha do povo Balatiponé chama-se Barra do Bugres. Atualmente os que fazem fronteira entre a cidade e terra indígena registrada como Umutina, são os rios Bugres e o Paraguai.

Já o termo “barbados” surge por conta de um costume que os homens Balatiponé tinham que era de utilizarem bigodes e barbas longas, quando não eram barbas naturais confeccionavam barbas de pelos de animais, por isso barbados. É muito pertinente tratar dessas denominações aqui, justo porque tem se buscado, principalmente pelos jovens a valorização da autodenominação. Alguns, por motivo da expressão Umutina ser mais conhecida preferem utilizar Umutina-Balatiponé, ou Balatiponé-Umutina. A justificativa é de não perder a referência construída pela expressão Umutina, e, até mesmo, se for o caso de alguém investigar sobre o povo, principalmente na internet encontrará informações se utilizar como palavra-chave a expressão Umutina. No entanto, tomamos a liberdade aqui de dar valor somente para a autodenominação, reafirmando a posição dos mais antigos, tanto para me referir ao povo quanto para o idioma.

Em se tratando da abrangência territorial, conforme apontamentos dos mais velhos e também a partir do registro de Quezo (2010), o povo Balatiponé ocupava uma dimensão geográfica de muito mais envergadura em comparação a que se ocupa atualmente. Antes circulava-se livremente fazendo seu limite territorial tendo como referências geográficas: as margens do rio Sepotuba; Serra dos Pareci; nascente do rio Paraguai; as margens do rio Cuiabá e a região onde atualmente é o município de Cáceres.

Huare relata: “*Segundo as informações etnográficas sobre o povo Umutina (Schultz, 1962), é a partir de 1797, que aparecem as primeiras informações a respeito deste povo, feitas por Ricardo de Almeida Serra*” (HUARE, 2015, p.17). Fugindo do contato hostil com os não-indígenas que passaram a explorar a região, já que o contato gerava mortes por confrontos e por epidemias, assim a redução demográfica tornou-se inevitável. Percebendo essa grande fragilidade, o povo se confinou numa área muito menor, mas que serviu de proteção aos que continuaram defendendo suas vidas. A área atual tem quase o formato de uma ilha, sendo delimitada pelos rios Olaripó e Xopó (Paraguai e Bugre), seu início é justamente o encontro entre esses dois rios onde de um lado é a cidade de Barra do Bugres e do lado da margem já passa a ser a Terra Indígena/TI. Essa mesma terra foi reconhecida em 1915 e decretada como sendo do povo Balatiponé pelo governador Joaquim Augusto da Costa Marques, como segue informação abaixo:

A terra Indígena Umutina foi reconhecida através do decreto estadual nº 385 de 06/04/1915 e assinado pelo governador. Recebeu o título definitivo, dado pelo Estado de Mato Grosso no dia 22 de abril de 1960, através do registro nº4.021, livro 3-D, folhas 270/29/04/60, no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Rosário Oeste/MT, com o nome de Posto Indígena Umutina. (arquivos da Funai). (QUEZO, 2010, p. 17).

Mas a área foi de fato homologada em 1989, possuindo uma dimensão de 28.120 hectares composta pelos biomas: cerrado, pantanal e mata amazônica. A população Balatiponé está distribuída em 15 (quinze) aldeias ao longo do território, são elas: Umutina, Bakalana, Águas Corrente, Adonai, Masepô, Cachoeirinha, Uapo, Katamã, Boropô, Alto do Barrairo, Vale do Rio Bugres, Acorizal, Ajikuitá, Chefe Guerreiro e Amoroso. Estima-se uma população de 600 (seiscentas) pessoas distribuídas para essas 15 aldeias, sendo que a aldeia de maior concentração populacional e mais antiga é a Aldeia Umutina, considerada também a aldeia central do território indígena, porque é onde estão instalados um postinho de saúde indígena, a Escola Municipal e Estadual Julá

Paré, as quais atendem a população de todas as aldeias, além disso, é essa aldeia que preserva o resquício da intervenção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) logo após o primeiro contato com os Balatiponé, há mais de um século atrás. A saber, ainda hoje, a aldeia Umutina preserva desde a década de 1930, 10 (dez) arquiteturas de alvenaria construída com matérias, insumos para construção civil com a matéria prima do terriório e com mão-de-obra dos próprios indígenas.

Abaixo segue mapa a fim de compreender o polígono da área.



Imagem 01. Mapa da TI Umutina retirado do Google Maps:

<https://www.google.com/maps/search/umutina/@-15.0106027,-57.1316304,34993m/data=!3m2!1e3!4b1>>acesso em 07 de fevereiro de 2021

Esse mapa, portanto, corresponde à atual residência da língua Balatiponé, o contexto de vida adaptado numa delimitação geográfica já reconhecida pelo Estado brasileiro, em que o conhecimento local se fundamenta e aproveita os recursos naturais presentes ali, além de representar o túmulo dos antigos e toda memória ancestral cuja

estância é a consciência do povo, a sua forma de ser a partir do que os antepassados deixaram como legado identitário, cultural, territorial. Como forma de valorizar o saber local e de dar sentido às políticas públicas que constituem a Educação Escolar indígena, as lideranças do povo se organizaram politicamente com o objetivo de conquistar um prédio escolar no território com mesma estrutura física e de recursos humanos que as cidades dispõem através das esferas estaduais e municipais. Assim, se tem como patrimônio do povo as escolas: Escola Indígena Municipal e Estadual Julá Pará (Educação Infantil ao Ensino Médio) na Aldeia Umutina; a Escola Indígena Municipal Luiz Gonzaga Quezo (Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental) na Aldeia Bakalana e a Escola Masepô (Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental) na aldeia Masepô, essa última é extensão da Julá Pará sendo construída com matéria-prima local.



Imagem 02. Escola Julá Pará, acervo da página do facebook Escola Julá Pará , disponível em: <https://www.facebook.com/170820283631371/photos/pb.100063498183750.2207520000./170825133630886/?type=3> > acesso em 04 de fevereiro de 2012.



Imagem 03. Escola Luis Gonzaga Quezo, acervo da página de facebook da Comunidade Bakalana, disponível em:

<<https://www.facebook.com/ComunidadeIndigenaBakalana/photos/a.567963096670924/2241262909340926/?type=3>> acesso em 04 de fevereiro de 202.

Em vista da existência destes locais de educação em nosso território, perguntamos o que representa a Educação Escolar Indígena em termos de direito para os povos indígenas e o que isso pode significar para a manutenção das línguas indígenas do Brasil afora? Discutiremos essa pergunta na seção a seguir.

1.2. Educação Indígena e Escolar

A “Educação Escolar Indígena” é um direito conquistado pelos povos originários como forma de fortalecimento e de garantia do uso língua do povo indígena no âmbito escolar em seu respectivo território. Há várias legislações que regem a “Educação Escolar Indígena”, tanto em nível federal, estadual quanto em nível municipal. Seu princípio fundamental encontra-se no Capítulo III, Artigo 210, § 2º da Constituição Federal, que dispõe: *“O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa,*

assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. ” (BRASÍLIA, 1988).

A ideia do artigo não permanece restrito à Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – reproduz o ditame da própria constituição no Artigo 32, § 3º. E dispõe nos artigos 78 e 79 que o Sistema de Ensino da União, em parceria com agências federais, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, objetivando a educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, além de proporcionar a recuperação das memórias históricas, a revalorização identitária, bem como das línguas e ciências. Consta a garantia de acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas. Ainda a União financiará os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa. O planejamento dos programas acontecerá em audiências nas comunidades indígenas. Manter-se-á programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas. Além de desenvolver currículos e programas específicos, assim como elaboração e publicação de material didático específico e diferenciado (TAGLIAVINI, JV e TAGLIAVINI, MCB, 2016, p.140).

Além da LDB destaca-se a Resolução 5/2012 do Conselho Nacional de Educação (CNE) com a Câmara Estadual Básica (CEB), que delegam sobre o direito à educação escolar diferenciada para os povos indígenas, a qual está não só assegurada pela Constituição Federal, mas também pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT); pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 da Organização das Nações Unidas (ONU); assim como pela Declaração das Nações sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007, entre outros documentos. É de extrema relevância mencionar as demandas e deliberações da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena de 2009, em que a participação dos povos indígenas foi expressiva e o Decreto nº 6.861/2009 que dispõe sobre os Territórios Etnoeducacionais.

1.3. Educação Escolar Indígena em Mato Grosso

Conforme podemos ler no portal da SEDUC:

A Educação Escolar Indígena é voltada às escolas localizadas em terras habitadas pelas comunidades indígenas, com a garantia do atendimento de ser diferenciada, específica, intercultural e de acordo com a realidade sócio - linguística de cada povo. O termo “Escolar” é utilizado para diferenciar das demais atividades indígenas. Esta categoria educacional, portanto, não deve ser confundida com a educação indígena tradicional própria de cada etnia, conforme as diferentes culturas e pedagogias. (Secretaria de Educação, Esporte e Lazer – SEDUC, 2022).¹

A política de “Educação Escolar Indígena” em Mato Grosso se faz, evidentemente, mediante articulações políticas provenientes de vários encontros com a predisposição de distintas lideranças indígenas atuantes representativas de diversos povos do estado. Esse movimento culminou em importantes políticas públicas para o contexto de “Educação Escolar indígena” em nível estadual, dentre essas conquistas está o “Projeto Tucum”. Esse foi um programa criado com o apoio do governo do estado que consistiu em curso de habilitação para o magistério de quase 200 indígenas de 10 povos. O ingresso e a permanência dos professores indígenas na carreira do magistério de forma mais preparada e integrada ao plano de cargos e salários. O programa foi executado sem prejuízo às comunidades indígenas, já que vários dos cursistas já atuavam em sala de aula nas diversas escolas das aldeias. O programa foi construído em diálogo com as comunidades indígenas, e previu sua execução sem que aqueles professores que já atuavam em sala de aula se ausentassem de sua função nos períodos regulares do calendário escolar, que segue o mesmo padrão das escolas rurais não- indígenas. (TUCUM, 1995).

Em 2000 foi realizado outro programa importantíssimo, considerado na época o primeiro da América Latina, que dava continuidade ao objetivo do “Projeto Tucum” para a formação de professores indígenas. Esse programa foi executado em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), no campus da UNEMAT de Barra do Bugres. O programa foi nomeado de 3º Grau Indígena, atualmente reconhecido como Licenciatura Intercultural Indígena. Os professores do projeto de magistério foram mais uma vez contemplados com essa conquista, entendendo que o programa previa a continuidade da formação e estruturação de corpo docente mais bem preparado para continuar com a formação de alunos indígenas no interior das aldeias.

¹ Texto retirado do Portal da SEDUC – MT: Educação; Diversidade; Educação Indígena. Disponível em:<<http://www3.seduc.mt.gov.br/diversidade-educacional>> visitado em 8 de fevereiro de 2021.

Dada a devida relevância a esse feito histórico para as populações indígenas de Mato Grosso no que concerne à educação em termos de políticas públicas, o Conselho Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso, através da Resolução N. 201/04-CEE/MT², em 29 julho de 2004, aprova as seguintes propostas, dentre outras:

Art. 1º - A Educação Escolar Indígena constitui-se em uma modalidade de educação regular, com características específicas e diferenciadas e com normas e ordenamento jurídicos próprios, voltada à plena valorização cultural e afirmação étnica e linguística das sociedades indígenas.

Parágrafo único - Os municípios poderão oferecer a educação escolar indígena, em regime de colaboração ou parceria com o Estado, assegurada a anuência das comunidades indígenas e a garantia da singularidade desta modalidade.

II – O ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, ou aquela adotada no seu processo histórico de contato, como uma das formas de valorização da realidade sócio-lingüística de cada povo;

Art. 6º - A elaboração do projeto político pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena, terá por base:

III – A realidade sócio-lingüística;

Art. 8º - A atividade docente na escola indígena será exercida prioritariamente por professores indígenas, de preferência bilíngües, oriundos das respectivas etnias.

Art. 10 - A formação dos professores indígenas, específica e diferenciada, dar-se-á em todos os níveis de ensino, sendo desenvolvida pelo Estado, através de suas instituições públicas, orientando-se pelas Diretrizes Nacionais para Formação de Professores Indígenas, podendo, quando necessário, estabelecer parcerias com os municípios, instituições federais e organizações não governamentais indígenas e não indígenas.

Procurou-se destacar os artigos e incisos acima mencionados em virtude de serem os que estão ligados com a discussão neste trabalho, e que tornam mais cristalina a luta e preocupação em manter e incentivar a prática da língua indígena, ou língua materna, no âmbito de ensino nas aldeias.

Em termos práticos, o que toda essa construção a nível estadual propiciou para o povo Balatiponé no que se refere à ascensão educacional escolar?

1.4. Educação Escolar Indígena Balatiponé

Conforme afirma Luizinho Quezo:

A educação escolar indígena pode ser uma educação diferenciada, seguindo as normas do estado, juntamente com a realidade de cada comunidade indígena. Podendo assim incluir um calendário específico e tendo como base, principalmente, o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola ou daquela

2 A Resolução N. 201/04 – CC/MT está disponível em:
<<http://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/8532755/RESOLUCAO+201+04+-CEE-MT+EDUCACAO+INDIGENA.pdf/2f429d60-4cb9-55c8-b6d9-41d52004ddf2>> consultado em 9 de fevereiro de 2021

comunidade escolar. Somente assim estas ações poderão estar garantidas por lei. Essa é a educação escolar indígena, um dos caminhos para garantir a cultura indígena, os seus costumes e, principalmente, a língua materna do povo a quem pertence. A educação na comunidade indígena já começa desde criança dentro da sua própria família, sendo ensinada pelos pais e avós, partindo do aprendizado da família para o aprendizado escolarizado da comunidade em que vive. (QUEZO, Luizinho Ariabô, 2010)

E qual seria o papel da escola nesse contexto? Ao abordar a educação escolar indígena no seio do povo Balatiponé, é imprescindível remontar à história da mesma para demonstrar seu trajeto dividido e marcado por fases, perspectivas e interesses distintos, atingindo o protagonismo do povo referente a esse processo.

Conforme Quezo (2010) pode-se assumir que a educação escolar dentro do território do povo Balatiponé não é inédita. Surge em 26 de maio de 1943, instalada pelo Serviço de Proteção ao Índio - SPI e em homenagem a um servidor do órgão batiza-se a escola de “Otaviano Calmon”. O ensino não adquiria estabilidade funcionando somente de dois a três meses por ano. Foi só em 1982 que, de fato, o ensino ganhou mais estabilidade com dois professores contratados pela FUNAI, instituição que substituiu o SPI, já extinto em 1967. Mas em 1988 um professor membro do povo assume a escola e por conta da demanda em sala de aula no ano seguinte outra professora do local passa a lecionar também. A escola formava estudantes do 1º ano ao 4º ano do Ensino Fundamental I, e a partir desse nível quem quisesse dar continuidade à formação teria que recorrer à escola na cidade. Sendo assim, por décadas muitos jovens passaram a frequentar a cidade para concluírem sua formação. Essa situação, de jovens se arriscarem, enfrentando inúmeras adversidades para obterem um nível de escolarização mais avançado gerou preocupação na comunidade, mobilizada. Lideranças, ao demandar junto ao governo municipal e estadual, conquistam ao povo Balatiponé, em 2003, a instalação de um prédio escolar na aldeia Umutina para atender o território indígena.

Ainda com base em Quezo (2010), em 2007 jovens se graduaram através do 3º Grau Indígena, ensino superior diferenciado referido anteriormente. Um ano após a formação nessa graduação, surgiu um concurso também específico para indígenas e todos os candidatos das comunidades formados em diversas áreas de conhecimento, como: ciências da matemática e da natureza, línguas, artes e literatura e ciências sociais que prestaram tal concurso foram aprovados para exercer a função de professorado nas

escolas locais. Com esse avanço, se constituiu um corpo docente indígena mais amplo, estruturado e gerido por uma diretoria indígena. Esse fato deu a existência de um significado maior da educação Balatiponé,

Imerso no universo escolar Balatiponé, não havendo dissociabilidade da esfera social do povo, é lançado desde o povo para a escola o interesse de esmiuçar os saberes e valores tipicamente tradicionais junto aos estudantes da escola. Entre 2000 a 2010, período de grandes acontecimentos, jovens se mobilizam para o fortalecimento dos saberes comuns ancestrais e esse significado de luta repercute na escola através de um Projeto Político Pedagógico em que se tem como prioridade a revalorização dos mais velhos e seus saberes amparados na cosmovisão sui generis Balatiponé, a saber, essa premissa é que estabelece o sentido de se ter uma escola dentro do território nativo.



Imagem 04. Alunos da Escola Julá Paré em cerimônia no espaço escolar, disponível em: ³
<https://www.facebook.com/170820283631371/photos/pb.100063498183750.-2207520000./170826603630739/?type=3> acesso em 05 de fevereiro de 2021

³ A foto pertence ao acervo da E. Julá Paré e está disponível na página de facebook da escola

A escola tornou-se referência para o ensino técnico não-indígena, mas também para o ensino técnico do próprio povo, recorrendo também às metodologias e conhecimentos étnicos. Partindo desse processo real e histórico de superação, de quase dizimação étnica e epistemológica, é que este trabalho em desenvolvimento busca responder a uma busca profunda daquilo que já é de alta expressão, uma vez que revela a alma de uma nação guerreira. Assim, avançamos para a descrição específica voltada para a anatomia da língua Balatiponé.

1.5. Julá Paré

Antes de nos debruçar nos aspectos linguísticos que permeiam a língua em si, é de altíssima importância falar de quem a manteve viva partilhando de seu conhecimento sobre a mesma com pesquisadores e principalmente com os jovens na aldeia. Há vários envolvidos nesse papel, anciãos como: Joaquim Kupodonepá; Antônio Apodonepá e o mais velho dos demais, o centenário Julá Paré.

Julá Paré, que no idioma originário Balatiponé significa *guerreiro valente*, foi um dos anciãos mais importantes na retomada da língua que trouxe toda uma bagagem histórica e bastante representativa para o povo. Partilhou seus saberes relacionados com as vivências de outrora com seus pais e irmãos, os quais na sua época viviam plenamente as práticas típicas do grupo étnico. Julá contribuiu enormemente com a escola local a convite dos professores, através das pesquisas de alunos ou mesmo em encontros informais com os jovens. Ele ensinou sobre as *ekarino* (pinturas corporais), *amatarú* (contações de histórias), *amatatú* (as danças), *ametá* (as roupas típicas), *alalutú* (as canções), *erukwá* (a língua).

Julá Paré viveu mais de 100 anos, faleceu em 2004, mas em sua partida foi homenageado pelo povo reconhecendo que ele foi tão importante a ponto do território concordar registrar a escola com o seu nome.



Imagem 05. Julá Paré, print tirado do vídeo do canal do Youtube: “Olhar Indígena”, disponível em : <https://youtu.be/lmVRL1hUUR> acesso em 05 de fevereiro de 2021.

O que foi exposto neste capítulo é, de característica simbólica, a *Xipá erukwá Balatiponé* (A casa da língua Balatiponé). Assim se buscou dar relevância ao local físico (a Terra Indígena) e sua oficialização pelo governo, o território tornou-se de forma representativa o local de vida da língua; se importou pôr em destaque o uso e o fortalecimento do etnônimo em oposição à depreciação gerada pelo apelido *Umitina*, compreendendo toda essa configuração não se poderia deixar de elucidar o motivo pelo qual se deu o processo de busca da língua mãe do território Balatiponé, ao que foi a mobilização de formação de professores indígenas, a instalação das escolas no território usufruindo, por sua vez, das políticas públicas de Educação Escolar Indígena que estimula o uso e o ensino da língua materna; por último e não de menor relevância o papel dos mais velhos representados por Julá Paré, que se tornou símbolo de afirmação Balatiponé com toda sua resistência, não sendo por mera causa o patrono da Escola Julá Paré.

Por conseguinte, no capítulo posterior, se abordará a sustentação teórica dessa dissertação mobilizando uma discussão e reflexão de ensino de língua pautada a partir de três tipos de gramáticas, mesmo que se tratando do uso das mesmas no ensino da língua

portuguesa, levantaremos holisticamente a perspectiva de cada uma para justificar o porquê uma delas servirá como amparo para construção de nossa proposta considerando que as perspectivas das gramáticas tradicionais implicam no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) no tocante a língua, e, ao final do capítulo se debruçará no material, o curso de Nheengatu (língua geral) de Navarro (2015), que servirá de amparo prático para construção da Sequência Didática.

CAPÍTULO 2

Fundamentação Teórica e Metodologia de Pesquisa

Consideramos que o sistema da língua não está desvinculado da cosmovisão e no mesmo sentido a cosmovisão não se dá desvinculada da língua. Para aprofundamento desta relação, apoiamo-nos em princípio nos estudos de *relativismo linguístico* desenvolvido nos escritos de E. Sapir ([1921] 1980) e B. Whorf ([1956] 1971), tais como tratados por Ilari (2003). Estas perspectivas foram consideradas como apoio teórico para poder inferir sobre correlações entre cosmovisão e linguagem.

Para amparar parte do estudo, trazemos alguns apontamentos de Marcos Bagno em que o autor desmistifica várias construções preconceituosas e discriminatórias em torno da língua e de seus falantes. O primeiro mito que o autor rebate, e que causa impacto direto do ensino de gramática nas escolas, é o da unidade da língua portuguesa falada no Brasil, argumentando que na verdade existe uma grande diversidade no português falado no país (BAGNO, 2007, p. 15). Ampliamos para as diversas outras línguas oriundas dos diferentes povos autóctones que aqui vivem há milhares de anos, assim como de povos que imigraram para cá ao longo dos séculos. Dessa maneira, o autor argumenta que a tradição das gramáticas da língua portuguesa parte da “grande literatura” para definir suas regras de uso, e que tudo que se desvia dessas regras, como as formas encontradas na língua oral, é tido como um erro (BAGNO, 2009, p. 46 e 47). Marcos Bagno vai pelo caminho contrário, afirmando que:

É do uso que se depreende a gramática, é do discurso que se chega nas regularidades (sempre instáveis e provisórias) da língua — uma distinção, é claro, que tem aqui uma perspectiva apenas pedagógica, já que na prática social mais ampla discurso e sistema (ou uso e gramática) interagem sem cessar, são

indissociáveis, tanto quanto o oxigênio e o hidrogênio da água. (BAGNO, 2011, p. 20. Grifos do autor)

Sendo assim, é a partir do conhecimento de elementos vocabulares já registrados em glossário, construções de frases recolhidas e registradas dos mais velhos, falantes da língua que, então, se buscou construir um material que aproveitasse, senão todo, mas quase todo recurso linguístico ainda existente no povo, seja do que está na memória dos jovens e adultos, do investimento escolar no trabalho de retomada envolvendo professores e alunos, como também o engajamento linguístico do próprio pesquisador junto aos mais velhos antes mesmo desta pesquisa acontecer. Com base nesse material partimos de uma elaboração linguística mais simples para uma elaboração mais complexa, como textos que partam de princípios discursivos de práticas e cenários na configuração de vivência de aldeia, seja do contexto literário, do contexto artístico, da culinária, da prática agrícola, prática musical entre outras preservações e cenários culturais. Desse modo, se constitui algo que dialoga com as realidades do povo Balatiponé, possibilitando que seja possível ler, escrever e refletir sobre sua língua de maneira crítica, entendendo seus fenômenos e suas dinâmicas, ou ainda, desenvolvendo o letramento na língua materna.

Como parte do referencial teórico, nos baseamos em trabalhos que vêm sendo desenvolvidos a esse respeito, tanto de autores não-indígenas como de indígenas que investem, seja para a manutenção do saber linguístico, seja para fins de retomada como fazem os Pataxó do sul do Estado da Bahia com sua língua Patxohã. A intenção ao buscarmos esses referenciais, não é a de meramente submeter a nossa construção de um material para a língua indígena Balatiponé aos preceitos de uma língua que lhe é estruturalmente distante, mas, ao contrário, visamos direcionamentos nos debates críticos do uso da chamada gramática normativa ou prescritiva (POSSENTI, 2000, p. 63 e 64) com fins pedagógicos, entendendo que esse enfoque contribui, mas não atinge a nossa expectativa para a prática pedagógica do ensino reflexivo de língua materna, e apontando para uma abordagem interacional, onde há um destaque para o papel ativo e criativo dos sujeitos (ANGELO et al., 2004, p. 84 *apud* KOCH, 2002, p. 17).

Por gramática normativa, trazemos a concepção de Possenti (2000, p. 40) e de Franchi (2006, p. 16), onde esse modelo gramatical é caracterizado por um conjunto de normas de “bem falar e bem escrever” idealizados a serem atingidos pelos estudantes, ou seja, por uma série de regras que estabelecem como a língua deveria ser em um modelo

ideal embasado na produção dos “grandes escritores” da literatura antiga. Em oposição a essa concepção de gramática, os autores apontam a gramática descritiva (POSSENTI, 2000, p. 65; FRANCHI, 2006, p. 22) que busca na descrição das línguas as regras de uso da mesma. E, por fim, a gramática interna, ou gramática internalizada, onde um indivíduo internaliza, durante o processo de aquisição da língua, uma série de saberes linguísticos da língua que foram exaustivamente elaborados, possibilitando a construção criativa dos mais variados enunciados, sendo que esses enunciados são reconhecidos e compreendidos como pertencentes a uma língua.

A partir da perspectiva gramatical de trazer usos corriqueiros da língua, em que se leva em consideração a capacidade de criação de todos os falantes, que buscamos construir nossa proposta de material de um ponto de vista interacional, a partir de práticas significativas, contextualizadas e mediadas pela interação com o outro (ANGELO et al. 2004, p. 83). Ainda, buscando práticas pedagógicas que não sejam fechadas em si e desarticuladas da realidade, é que construiremos um material que dê conta do ensino de língua materna de uma maneira crítica, onde o estudante tenha uma experiência realmente enriquecedora, participativa de forma a legitimizar sua função social.

Tendo em vista que, de acordo com Paes (2021),

A prática pedagógica da gramática deve propiciar aos alunos a compreensão de como os recursos expressivos (sintáticos, morfológicos, fonológicos) condicionam e possibilitam as diversas formas de significar a realidade (...), e [é] aí que reside o aspecto criativo da prática gramatical. (PAES, SILVA, 2021).

Assumimos de antemão, que essa trajetória conceitual de gramáticas baseadas na concepção construtivista-interacionista, essa que prestamos a exercer aqui, não é uma novidade nos estudos de ensino da língua portuguesa no Brasil, ela ganha maior dimensão nos ambientes de discussões e de ensino no Brasil por volta da década de 1980, mas é a partir de 1997 que essa ideia tem feito parte do Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa reconhecendo variações dessa língua antes desprestigiadas no uso de certas gramáticas nas escolas. Por outro lado, os efeitos dos modelos de gramáticas anteriores que não agregam essa outra perspectiva mais reflexiva e interacional de se ensinar a língua ainda se mantém nas práticas de ensino de língua materna indígena nas escolas indígenas, por exemplo, no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI. Em suas considerações, Martins (2019), aponta o seguinte:

O RCNEI (BRASIL, 1998a) é subdividido em diversos itens, de acordo com os diferentes componentes curriculares. No item “Línguas” (pp. 111-156) é feita menção rápida ao trabalho com a oralidade, dedicando-se maior detalhamento à linguagem escrita, sem, no entanto, dar importância aos gêneros do discurso e às questões político-ideológicas que as envolvem. Chamou-me, assim, a atenção a forma de trabalho que se propõe com textos, sem que se explicitem as bases de uma abordagem genuinamente interacionista e sócio-discursiva de acordo com as tendências contemporâneas para o ensino de línguas, tais quais expressas em Brasil (1998b). [...] Talvez como resultado de uma atenção excessiva dedicada à especificidade da diversidade cultural e linguística típica das comunidades indígenas, o foco do RCNEI é preferencialmente dirigido ao bilinguismo e ao multilinguismo, porém, mesmo nesse caso, dentro de certa defasagem no que diz respeito à reflexão contemporânea sobre o ensino de línguas, no que esta implica questões sociais, políticas e ideológicas de amplo alcance. (MARTINS, 2019, p.73)


Nesse sentido, o trabalho que aqui estamos propondo se caracteriza como novo no campo do ensino de uma língua indígena, pois o pesquisador acredita ser fundamental transversalizar temas que correspondam aos diversos gêneros discursivos que depreendem da língua Balatiponé. Acolhendo essas noções, nosso enfoque não é totalmente voltado para a estrutura gramatical da língua, mas sim para a construção de uma ferramenta que estimule o que já vem sendo feito no povo, nas escolas, ao mesmo tempo que esse movimento fortalecido aqui seja capaz de levar a todos os interessados em falar língua, a percepção reflexiva sobre ela a partir de suas situações de uso em diferentes contextos, evitando, dessa forma, permanecer somente nas formas e nomenclaturas que se fazem presentes no ensino da gramática normativa. A intenção nesse caminho é acolher todas as contribuições que cada uma dessas noções gramaticais pode apresentar para que o produto final a se ter com esta proposta de fato sirva e seja correspondente ao formato de ensino/aprendizagem de línguas na contemporaneidade, mais que isso, à efetividade na aprendizagem por parte de quem a explorar.

Em termos práticos temos como modelo de aplicação ao que já expusemos teoricamente, o curso de Nheengatu (língua geral) de Navarro (2015). Nesse curso percebe-se que o autor nos traz, logo de início, o uso da língua-alvo no cotidiano, posicionando dois personagens que interagem entre si realizando o uso de uma comunicação linguística dentro de uma configuração livre e fluida. O professor não parte de uma apresentação pré-elaborada do recorte (diálogo) explicando regras e padrões, nem ao menos exige uma informação prévia de quem está se envolvendo em aprender essa língua, mas encaixa expressões que articuladas surtem um sentido pragmático para aquele


uso. Em outras palavras, por mais que adiantasse o professor ao traduzir o que foi falado por cada um dos personagens, a tradução não é feita partícula por partícula, porque possivelmente, se ele investisse nisso resultaria em outra coisa meramente irrelevante, como é comum na passagem de uma língua para outra, como segue em Navarro (2011).

1
MBUESAUA IEPESAUA
(primeira lição)

MARIA ANAMA




-Puranga ara! Auá taá indé?
-Ixé Maria.
-Indé puranga, Maria!



-Auá taá uiku iké?
-Pedro, Maria mena, uiku iké.
-Puranga pituna, Pedro! Maié taá indé resasá?
- Puranga tẽ asasá.

9



-Auá taá aê? -Acé Antônio, Maria mimbira.
Pedro, Antônio, aintá Maria anama-itá.
-Puranga karuka, Antônio! Indé puranga!
-Kuckatu reté!

KARIUA NHEENGA RUPI
(Em "língua de branco", em português):
A FAMÍLIA DE MARIA
-Bom dia! Quem é você?
-Eu sou Maria.
-Você é bonita, Maria!

-Quem está aqui?
-Pedro, marido de Maria, está aqui.
-Boa noite, Pedro! Como você passa?
-Passo bem mesmo.

-Quem é ele? -Elé é Antônio, filho de Maria.
Pedro e Antônio, eles são os familiares de Maria.
-Boa tarde, Antônio! Você é bonito!
-Muito obrigado!

MBUESAUA NHEENGATU RESÉ

I- A CONJUGAÇÃO DOS VERBOS NO INDICATIVO E OS PRONOMES PESSOAIS

IKU - estar
ixé aiku - eu estou
indé reiku - tu estás; você está
aé uiku - ele(a) está
iandé iaiku - nós estamos
penhẽ peiku - vós estais; vocês estão
aintá (ou tá) uiku - eles(as) estão

10

Imagem 06. Retirada do Curso de língua geral (nheengatu ou tupi moderno) a língua das origens da civilização amazônica (NAVARRO, 2011)

Assim segue o formato desse material que possui treze lições ao todo, com variações discursivas correspondentes à população falante do idioma nos entornos do município de São Gabriel da Cachoeira. A cada lição apresentada, o professor aproveita aspectos gramaticais utilizados no exemplo de uso e os desenvolve, junto a outros aspectos relacionados. Haverá lições exploratórias de cantos, contos em Nheengatu e Da cultura do ambiente em que a língua está presente, a saber, esse idioma ocupa uma dimensão geográfica notória na bacia do Rio Negro e não é falado por apenas um povo indígena, além de ser um dos idiomas co-oficiais de São Gabriel da Cachoeira/ AM.

Esse material, que traz uma das diversas identidades brasileiras através de uma língua nativa extremamente viva e de forte movimento, será uma das referências para a construção de nosso material.

Quanto aos materiais e métodos para a geração de dados, o projeto de pesquisa tal qual apresentado de início propunha explorar e realizar entrevistas referentes à língua Balatiponé com os anciãos do povo. No entanto, após a chegada da pandemia muitas atividades que estavam previstas para serem realizadas dentro do território indígena, assim como no mundo, tomaram rumos diferentes do planejado. No povo Balatiponé, campo desta pesquisa, houve óbito de dois anciãos por contágio do vírus Covid-19. Essas mortes causaram um impacto enorme na população Balatiponé, assim como outros efeitos causados direta ou indiretamente pela pandemia Covid-19, inclusive na situação escolar nas aldeias. O próprio pesquisador foi acometido pelo vírus, influenciando bastante o rumo desta investigação.

Desta forma, este projeto não pode tomar como prioridade a geração de dados por meio de entrevistas semi-estruturadas. Todavia, procedeu sempre dialogando com a população, principalmente com os profissionais da educação local que se dedicam para o fortalecimento da língua, além de outros membros: jovens, adultos e mais velhos que muito contribuiram com esse trabalho.

A pesquisa passou, assim, a se constituir de três etapas:

- (1) levantamento bibliográfico;
- (2) produção pelo pesquisador de uma sequência didática para o ensino da língua Balatiponé. Para esta fase de pesquisa, o pesquisador baseou-se, de modo geral, em seu próprio conhecimento enquanto falante nativo da língua Balatiponé, tendo, como norteadores, algumas propostas já existentes para o ensino de línguas indígenas das quais teve conhecimento na primeira fase;
- (3) checagem, junto aos professores e demais membros do povo, do material didático produzido.

Destaca-se que nos baseamos no verbete do Glossário do Ceale (FRADE et al., 2014) para a definição de sequência didática (SD):

Sequência didática corresponde a um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático. É

organizada em torno de um gênero textual (oral ou escrito) ou de um conteúdo específico, podendo envolver diferentes componentes curriculares.

Fundamentado na definição de SD de Frade (2014) se espera que este material a ser utilizado pelo professor(a) nas escolas do território Balatiponé preencha certas necessidades dos alunos com relação a língua, já levando em conta um saber prévio do público-alvo, mesmo que mínimo, não querendo, desse modo, estabelecer que o desenvolvimento das atividades sugeridas ao professor no material não seja passivo a adaptações, haja vista, que é prioridade a prática sociointeracionista, além do estímulo a criatividade e reflexão do aluno para sistematização do seu conhecimento em aquisição, à medida que o professor interage com o seu público, através dos temas lançados no material com diferentes ordens de gêneros discursivos (diálogo, narrativa, cantos) contextualizados a vivência do povo, seguirá uma sequência de atividades e exemplos mais simples à progredindo à atividades mais elaboradas. É imprescindível que o professor esteja preocupado em posicionar o aprendiz como sujeito ativo na construção de seu conhecimento, consciente da importância de seu envolvimento no processo.

CAPÍTULO 3

Upurú Erukwá – Anatomia da Língua

Neste Capítulo começaremos a esboçar a fisionomia da língua Balatiponé explorando os trabalhos que vêm sendo realizados sobre a língua desde Schmidt (1941) e Schultz (1951) até as explorações mais atuais de Quezo Ariabo (2017), além de complementar com o conhecimento do próprio pesquisador o qual teve contato linguístico na adolescência com Julá Paré, o mais velho Balatiponé e, portanto, maior conhecedor no que se refere ao idioma.

Julá Paré foi uma referência muito importante e que muito contribuiu para a pesquisa de mestrado de Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco. Publicada em 1995, a dissertação se intitulou: “A língua Umutina, “um sopro de vida”. Seu trabalho consistiu na descrição prévia da fonologia e aspectos da morfologia da língua

Balatiponé. Ela também discorre sobre os dramas vividos pelos Balatiponé a partir de registros etnográficos e do seu contato direto com Julá Paré que experienciou esses dramas junto aos seus familiares, ao povo, no geral, sendo um dos vinte e três Balatiponé “independentes” mencionados por (SCHULTZ, 1953). A pesquisadora pôs a história de vida de Julá Paré em destaque em sua dissertação, e propiciou a essa figura emblemática desde a sua memória e seu conhecimento linguístico o aprofundamento maior sobre si mesmo tornando mais evidente o universo Balatiponé e estabelecendo a sua devida importância para a identidade do povo, ao mesmo tempo em que dava condições à pesquisadora de tornar sua investigação uma das mais importantes na ordem de análise e registro linguístico do povo e para esse povo. Para Lima, Julá Paré representava a última esperança de vida da língua originária, e ao partir levaria consigo toda bagagem referente a esse aspecto, acreditava a pesquisadora. É também com base nesses dados descritivos produzidos por ela que outros trabalhos mais atuais relacionados a língua se debruçaram, surtindo outras análises de caráter complementar, como a pesquisa de doutorado de Mônica Cidele da Cruz: “Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural”, trabalho feito e publicado em 2012 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); a dissertação da professora e membro do território, a Dulcineia Tan Huare: “Léxico remanescente Umutina: repertório linguístico de seus lembrantes”, de 2015, pela Universidade Estadual de Mato Grosso; o Trabalho de Conclusão de Curso de Luciano Ariabo Quezo: “Língua Balatiponé: a alma de um povo”, de 2017, pela UFSCar. Sendo assim, se tem adiante os seguintes dados gerais da língua.

A língua Balatiponé é muito próxima da língua Boróro, e, portanto, pertence ao troco linguístico Jê. Para demonstrar essa proximidade linguística, vamos apresentar a seguir um levantamento feito por Harald Schultz (1962) e rerepresentado por Huare (2015). É digno apontar que os registros realizados por Schultz foram também baseados nos registros de Max Schmidt (1941) e foi justamente através de uma carta de Harald Schultz para Arion Rodrigues (1986) sobre esse fato de proximidade das duas línguas é que então o mesmo conclui a vinculação genética entre ambas (LIMA, 1995; HUARE, 2015). Conforme podemos ler em carta dirigida a Schultz:

Prezado amigo Schultz: Recebi a separata de seu vocabulário umutina: cujo envio muito lhe agradeço, fiz a comparação lexical do material com o material Boróro oriental publicado por COLBACCHINI e ALBISETTI (Os Boróros Orientais, S. Paulo, 19-12)

Umutina	Bororo	Vernáculo
<i>zoro-tú</i>	<i>goru-guddu</i>	Cinza
<i>Pikína</i>	<i>Pega</i>	Mau
<i>ko-kwá</i>	<i>Ku</i>	Sangue
<i>la-ká</i>	<i>Ra</i>	Osso
<i>aké-to</i>	<i>Akku</i>	Frio
<i>Ható</i>	<i>Kaddo</i>	Cortar
<i>bi-á</i>	<i>Bi</i>	Morrer
<i>Arikau</i>	<i>Arigao</i>	Cão
<i>Kútu</i>	<i>Kuddu</i>	Beber
<i>Ki</i>	<i>Ki</i>	Seco
<i>Bia</i>	<i>Bia</i>	Orelha
<i>Moto</i>	<i>Motto</i>	Terra
<i>Hó</i>	<i>Ko</i>	Comer
<i>Ba</i>	<i>Ba</i>	Ovo
<i>paki-xí</i>	<i>pagu-ddu</i>	Medo
<i>Zóru</i>	<i>Joru</i>	Fogo
<i>Haré</i>	<i>karo, plakaré</i>	Peixe
<i>Ikú</i>	<i>Okku</i>	Flor
<i>Buré</i>	<i>Bure</i>	Pé
<i>u-jílá</i>	<i>Yera</i>	Mão
<i>Uápo</i>	<i>Uabbo</i>	Coração
<i>koty-ka</i>	<i>Koddu</i>	Carne
<i>Máko</i>	<i>Muga</i>	Mãe
<i>Tóri</i>	<i>Tori</i>	Morro
<i>o-zá</i>	<i>Ya</i>	Boca
<i>bo'inó</i>	<i>Bu</i>	Chuva
<i>Pório</i>	<i>Po</i>	Água
<i>boi-ku</i>	<i>Ikku</i>	Corda
<i>Xoáre</i>	<i>Kugaru</i>	Areia
<i>a-ká</i>	<i>A</i>	Semente
<i>biri-ká</i>	<i>Biri</i>	Pele
<i>baro-tó</i>	<i>Baru</i>	Céu
<i>Notú</i>	<i>Nuddo</i>	Dormir

Imagem 09. HUARE (2015)⁴

4 O termo “vernáculo” posto no quadro corresponde à língua portuguesa usada no Brasil.

Nota-se a partir do quadro apresentado que a distância linguística é realmente curta, porém, considerando que essa comparação foi feita há mais de meio século é muito possível que essa distância tenha aumentado consideravelmente, já que o caráter dinâmico a que as línguas estão submetidas gera esse distanciamento. Não obstante, é possível construir uma política de fortalecimento das línguas, através de intercâmbios linguísticos entre as duas comunidades, assim fomentaria ainda mais a língua Balatiponé considerando que as referências anciãs que havia anos atrás, os quais ainda manuseavam com mais propriedade a língua se foram.

Permanece a cargo das escolas, dos professores, outros jovens pesquisadores que ainda tiveram oportunidade de explorar o conhecimento dos mais velhos, seguirem adiante fortalecendo esse patrimônio cultural.

3.1. Quadro fonológico e material pedagógico da sintaxe Balatiponé

Nesta seção faremos sumariamente uma apresentação da catalogação fonológica da língua Balatiponé, embora a ênfase de nosso trabalho resida na fala e leitura da mesma através de procedimentos pedagógicos. Apresentaremos os aspectos dos fonemas consonantais e vocálicos a partir dos quadros de catalogações realizadas por Lima (1995) com atualizações feitas por Cruz (2012) e mantidas nos estudos de Huare (2015), ao mesmo passo que deixaremos em evidência no mérito dessas atualizações a continuidade de pesquisas de teor distintos provenientes dos próprios professores Balatiponé, o que demonstra contínua atividade com essa língua e seu valor tanto para fins acadêmicos como também pedagógicos, como exemplo, o trabalho da professora Ducinéia Tan Huare e do Professor Luizinho Ariabo Quezo, revelando sinais de vida na língua.

Quadro fonológico de consoantes

Lima (1995)	Cruz (2012)	Huare (2015)
p	p	P
-	b	b
-	t	t
k	k	k
m	m	m
n	n	n
s	s	s
z	z	z
-	ʒ	ʒ
Y	ʃ	ʃ
-	h	h
r	r	r
l	l	l
w	w	w
j	j	j

Imagem 10. (HUARE, 2015)

Quadro fonológico dos seguimentos vocálicos

Lima (1995)	Cruz (2012)	Huare (2015)
i	i	i
e	e	e
ɛ	ɛ	ɛ
í	í	í
a	a	a
u	u	u
o	o	o
ɔ	ɔ	ɔ

Imagem 11. (HUARE, 2015)

Conforme Huare (2015), ao todo foram catalogados 15 fonemas consonantais e 8 fonemas vocálicos desde os estudos de Lima (1995):

Lima (1995) levantou os seguintes fonemas consonantais: /p/, /k/, /s/, /j/, /m/, /n/, /z/, /r/, /l/, /w/, /y/ e vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /i/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/. Em 2007, Lima publica um artigo intitulado “Flexão nominal em Umutina”, publicado no livro, “Línguas e Culturas Macro-Jê”, no qual traz algumas alterações nos fonemas consonantais em umutina: /p/, /b/, /t/, /k/, /z/, /s/, /ʒ/, /ʃ/, /l/, /r/, /w/, /j/, que foram adaptados à fontes do IPA.

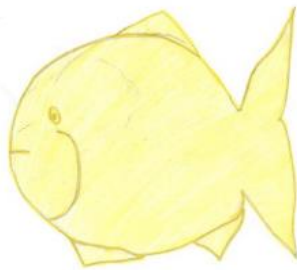
Cruz (2012), em sua pesquisa de doutorado, registrou 15 fonemas consonantais: /p/, / b/, /t/, /k /, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʒ/, / ʃ/, /h/, /r/, /l/, w/, /j/ e 8 fonemas vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /i/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/.

No nosso trabalho realizado em 2013 e 2014, encontramos, também, os seguintes fonemas consonantais: /p/, /b/, /t/, /k/, /m/, /n/, /s/, /z/, /ʒ/, /ʃ/, /h/, /r/, /l/, /w/, /j/, totalizando 15 fonemas. Os fonemas vocálicos são: /i/, /e/, /ɛ/, /i/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/, totalizando 8 fonemas. (HUARE, 2015, p. 39)

Posto isso, é importante pontuar que a existência de programas voltados para acadêmicos indígenas realizarem suas pesquisas surte, ao término, um efeito grandiosamente significativo para o pesquisador(a) e a comunidade favorecida pela pesquisa.

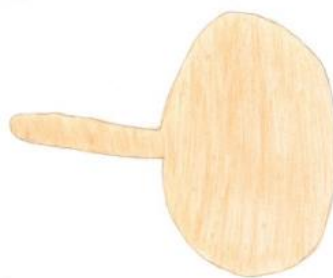
Toda a parte referente ao léxico, à sintaxe e à morfologia será apresentada e discutida no próprio material didático proposto no próximo capítulo. Como mencionado anteriormente, já há trabalhos elaborados por professores da Escola Julá Pará que tangenciam, entre outros aspectos, os aspectos sintáticos, entre esses trabalhos de cunho pedagógico o trabalho com o qual a proposta desta pesquisa se coaduna é o de Luizinho Ariabô Quezo, “Construção de frase na língua Umutina a partir de seus elementos culturais”, de 2010, quem também é professor de línguas na escola do território indígena. O trabalho de Quezo faz parte da linha de Ensino de Língua, com o foco na sintaxe da língua Balatiponé, produto de sua pesquisa da pós-graduação intercultural indígena. Em parte do seu trabalho houve envolvimento dos seus alunos das turmas do 1º ao 3º série do Ensino Médio, entre 2008 e 2009, na disciplina de Língua Materna na Escola Julá Pará. Com eles, o professor explica que trabalhou as narrativas de origem explorando os saberes dos anciãos, frases em Balatiponé utilizando elementos do universo cultural e corriqueiro da vida do povo, sempre fazendo conferência sobre a sintaxe e demais informações junto aos mais velhos e com auxílio do professor Valdivino Amajunepá, também professor de línguas. Os elementos referenciais são apresentados em forma de ilustração produzidas pelos próprios alunos. Cada figura ilustrativa acompanha uma frase em Balatiponé

contextualizada sintaticamente ao idioma com formas de tradução em português.
Apresentamos a seguir alguns exemplos retirados do material.



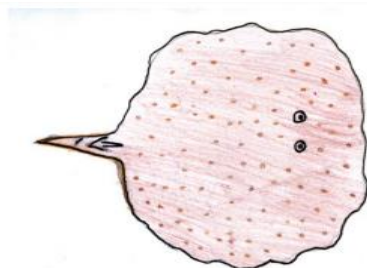
Popo: Pacu
Popo amuxixi makewá.
Pacu gordo muito.
O pacu é muito gordo.

Figura 09: Desenho de um Pacu (Popo)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008



Poari: Cabaça
Pixé poari atabé.
Vamos cabaça pegar.
Vamos pegar a cabaça.

Imagem 07. (QUEZO, 2010, p. 29)



Minu: Arraia

Baripô atabé Minu koxiporé makewá.

Homem pegou Arraia grande muito.

O homem pegou Arraia muito grande.

Figura 18: Desenho de uma Arraia (Minu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008



Humataká: Milho

Pixé noa humataká makewá.

Vamos comer milho muito.

Vamos comer muito milho.

Figura 19: Desenho de milho (Humataka)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

Imagem 08. (QUEZO, 2010, p. 32)

O projeto aqui em desenvolvimento, além de tomar como subsídios estas pesquisas, também aproveitará elementos culturais da vida do povo, o uso da sintaxe própria do Balatiponé, incentivando o avanço à prática de diálogos, conversação dentro de contextos e características discursivas distintas da língua. Serão destacados elementos discursivos em volta da cultura de saudar, pescar, caçar, festejar, de produzir pinturas corporais, cantos, contos ou narrativas em Balatiponé. Cada unidade do material proposto partirá de uma elaboração textual para recortes frasais, vocabulares, unidades morfológicas e procedimentos metalinguísticos, quando necessário.

CAPÍTULO 4

Língua Balatiponé em Uso

Tendo apresentado no Capítulo 3 a relação de parentesco entre a língua Balatiponé e a língua Boróro, as marcas fonéticas, fonológicas, entre outras características, trazemos agora neste capítulo a proposta de uma sequência didática constituída de elementos textuais vinculados a um cenário típico dentro do povo. Assim

como proposto por Navarro, em *“Curso de Língua Geral (nheengatu ou tupi moderno) a língua das origens da civilização amazônica”* (2011), propomos que o ensino da língua indígena Balatiponé aconteça dentro de diálogos e de textos que se aproximem de uma estruturação autêntica de gramática para posteriormente, em caso de necessidade, lançar glossários, que elucidem marcas ou regras da língua.

Partimos, assim, de um vocabulário corriqueiro, que será apresentado já inserido dentro de diálogos. Seguem, adiante, as unidades da sequência didática que elaboramos como resultado da pesquisa de Mestrado, lembrando que esperamos, ainda, ampliar e aprimorar esse material com vistas a seu uso efetivo em salas de aula da Escola Julá Paré em território Balatiponé.

LER E FALAR A LÍNGUA INDÍGENA BALATIPONÉ DENTRO DE SEU CONTEXTO CULTURAL

Unidade 1

Yaketô makiahí koxiporé

A grande amizade

Pauta:

- Partículas morfológicas

Recursos linguísticos:

- Diálogo

- Frases

- Palavras essenciais

Atividades do aluno(a):

-Ser a personagem dos diálogos interagindo com seu colega

Contextualização gramatical:

Morfologia do verbo estar

Unidade 2

Yaketô makiahí koxiporé imí

Minha grande amizade

Pauta:

-Pronomes pessoais e possessivos

Recursos linguísticos:

- Diálogo

- Frases

- Palavras essenciais

Atividade do aluno(a):

Produção de frase e texto a partir de ideias motivadoras

Unidade 3

Imí taré ilolô balatiponé

Eu sou filho balatiponé

Pauta:

- Verbos (Passado, Presente, Gerúndio e Futuro)

Recursos linguísticos:

- Texto narrativo

- Frases

Apontamentos

Destaques

Unidade 4

Ikixiai ametá erukwá balatiponé

Bem-vindo(a) a roupa da língua

Pauta:

- Sintaxe

Recursos linguísticos:

- Textos narrativo – descritivo

- Palavras e unidades morfológicas essenciais

Apontamentos

Destaques

Unidade 5

Taré pitukwá makewá amametú

É muito bom saber

Pauta:

- Sentenças diferenciadas
- Preposição
- Plural

Recursos linguísticos:

- Textos instrucional
- Frases
- Palavras essenciais

Unidade 6

Matará ekarino

Canto das pinturas

Pauta:

Produção de texto

Recursos linguísticos:

Literatura Balatiponé

Imagens ilustrativas

Narrativa ancestral, cantos ancestrais

- Discussão sobre a tradução de Balatiponé para o Português
- Apontamentos de determinadas marcas (classe de palavras, sintaxe) para adaptação ao Português

Atividades do aluno(a):

Produção de texto

Apresentação

Este material é composto por 6 (Seis) unidades cujo seus conteúdos estão relacionados ao cotidiano e ao universo tipicamente cultural dos professores e alunos de turmas a partir do 6º (sexto) ano do Ensino Fundamental, participantes das aulas de língua Balatiponé, na escola do território Balatiponé ou mesmo demais jovens e adultos interessados ao tema que não, necessariamente, é restrito à escola. No decorrer de cada unidade faremos alguns apontamentos explicativos de finalidade gramatical. Aproveitando o conhecimento prévio, mesmo que mínimo dos estudantes. Este material procura produzir estímulo e engajamento dos envolvidos, através da interação professor e aprendiz que buscará por meio de atividades propostas neste material pôr o público-alvo numa condição ativa no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo habilidades crítica, reflexiva, criativa à língua em exploração, de maneira que possam juntos sistematizar gramaticalmente e de forma progressiva o conhecimento aprendido e exercê-lo na comunicação com seus pares. Ademais, os conteúdos para exploração gramatical estão organizados em diferentes gêneros textuais como: diálogos; textos descritivos – narrativos e instrucionais; cantos típicos Balatiponé e apresentação de glossários.

Objetivo: Propomos que a leitura e a fala da língua Balatiponé aconteça partindo de diálogos e demais textos (descritivos, narrativos e cantos) que aportam a estrutura da língua, naturalmente, e tenham concomitantemente a ver com o universo cultural dos alunos para posteriormente, em caso de necessidade, lançar glossários, que elucidem ainda mais as marcas e regras da língua. Têm-se ainda em vista, de que o material a ser apresentado está flexível a adaptações conforme o professor identifique a necessidade a esse respeito.

Conteúdos a serem trabalhados: Gramática básica da língua Balatiponé a partir de diálogos, textos descritivos e narrativos e cantos típicos Balatiponé.

Tempo médio de execução da sequência didática: 12 aulas

Encaminhamento

Inicie as aulas saudando os alunos em Balatiponé, se apresente nessa língua sempre de forma interativa, estimule-os a manifestarem em Balatiponé, explore-os expressando palavras, frases contextualizadas para um diálogo, reivindique respostas, se necessário. Leia um texto ou um diálogo deste material. Essa fase inicial é muito importante já estabelecer uma relação de confiança, cumplicidade, visto que o aprendiz é uma das figuras importantes e estará reagindo de forma ativa durante o processo de aprendizagem. Após a devida interação é pertinente questioná-los sobre seu nível de contato com a língua em abordagem, a partir dessa etapa, será possível avaliar a necessidade dos aluno(a)s e conseqüentemente os próximos procedimentos a serem feitos com relação a sua estratégia de ensino, não destoando das principais propostas deste material. É de extrema relevância levar o aprendiz a observar o campo em sua volta, apresentar imagens, objetos, práticas culturais do dia a dia com intento de associar ao máximo os conteúdos do material a tudo que ele(a) têm contato ou pode estar tendo em sua volta.

O cenário da aldeia é um ótimo campo experimental para exploração concernente a esse movimento, é possível abrir para possibilidades mais criativas, para isso será apresentado neste material ideias como contrapartida para desenvolver e ampliar o conhecimento linguístico do aprendiz objetivando a progressão a cada unidade didática, sabendo que para isso é fundamental a ação conjunta, professor e aprendiz.

Paykuripiá!!

Gratidão!!

Materiais de apoio:

Vocabulário dos índios Umutina (Schultz 1952)

Los Barbados o Umutinas en Matto Grosso (Brasil) (Schmidt, 1941)

Mataré Pitukwá Balatiponé Umutina (Coletivo de Professores Umutina, 2019)

A língua Umutina: um sopro de vida (Lima, 1995)

Língua e cultura indígena umutina no Ensino Fundamental (Quezo, 2012)

Unidade 1

Yaketô makiahí koxiporé

A grande amizade

Pauta:

- Partículas morfológicas

Recursos linguísticos:

- Diálogo

- Frases

- Palavras essenciais

Yaketô makiahí koxiporé

A grande amizade

Taykuriá, amí pituwá nokibí imí?

Ikixiai erukwá balatiponé

Mataré erukwá taré pitukwá makewá

urí, pixé amameti mataré balatiponé!!

Olá, tudo bem com você, meu amigo(a)?

Seja bem vindo(a) a língua balatiponé

Falar essa língua é muito bom

Agora, vamos aprender a falar balatiponé!!

PALAVRAS ESSENCIAIS

Arimotô nokotono i erukwá zokê.

Vem passear comigo na língua.

Nesta primeira parte, peça ao aluno para imaginar uma situação, por exemplo: você está conhecendo alguém e fazendo nova amizade, para isso, você precisa de algumas

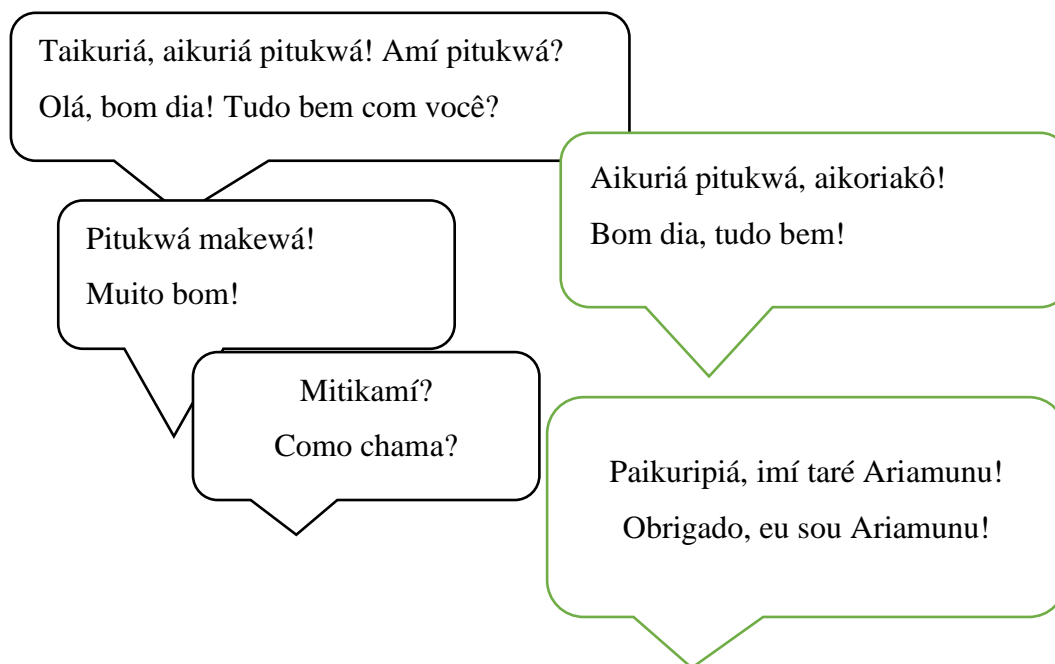
palavras essenciais para esse determinado contexto. Começaremos com algumas dessas palavras:

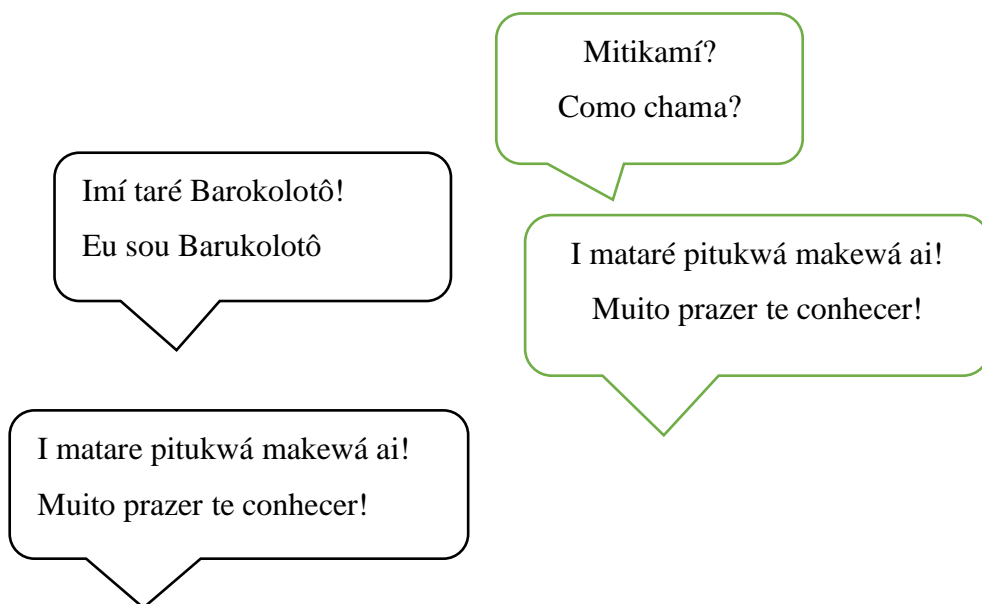
Taikuriá= Olá	Matupí= Com licença
Aikuriá Pitukwá= Bom dia	Imí= Eu/meu/minha
Ixotá ixipaná= Boa tarde	Amí= Você
Paikuriá Pitukwá= Boa noite	Pitukwá= Bom, bem, bonito
Paikuripiá= Obrigado	Mistikamí?= Quem é você?/Como chama?
Xipá= Casa	Lemotipá= Entrar
Ikixiai= seja bem-vindo(a)	

As traduções envolvem adaptações à língua portuguesa, já que, literalmente, “Aikuriá Pitukwá”, por exemplo, significa apenas “Você está bem”, porém possui utilização contextual, devendo ser usado durante o período da manhã.

CONSTRUINDO UM DIÁLOGO

Aproveitamos o vocabulário acima para construir um diálogo:





A partir dessa apresentação, interaja com um aluno dialogando com ele utilizando o conteúdo que foi apresentado para já começar a prática oral da língua. Comece o jogo, você pergunta e a outra pessoa responde, e vice-versa. Feito isso, solicite aos demais estudantes para que formem duplas para realizarem a mesma interação. Adiante, dê a seguinte atividade:

Relacione as frases corretamente através dos números:

1. Taikuriá!	() Como chama?
2. I mataré pitukwá makewá ai	() Estou bem
3. Amí pitukwá?	() Eu sou
4. Aikuriá pitukwá	() Você está bem?
5. Aykuriko	() Olá
6. Imí taré	() Bom dia!
7. Mitikamí?	() Prazer conhecer você

Nesse primeiro diálogo entre duas pessoas apresentado acima, já há uma demonstração da língua em uso dentro de um contexto comunicacional. Podemos extrair desse diálogo diversos elementos essenciais para início de uma comunicação necessária.

Vamos a partir de agora desdobrar e compreender a função de cada elemento desses presentes no diálogo.

GRAMÁTICA (morfologia do verbo estar)

Em primeiro momento, foram apresentadas as saudações: Taikuriá; Aikuriá pitukwá; Ixotá ixipaná e Paikuriá pitukwá, sabendo que, dependendo do período do dia você estabelece qual saudação deve ser empregada para o momento. Vamos entender algumas partículas morfológicas nesse uso.

Kuriá (estar) pertence à categoria verbal que no exemplo de uso aqui posto estaria no modo infinitivo, como se descreve em língua portuguesa. Esse verbo têm a função de expressar o estado de espírito, enquanto que existem outros dois verbos, o **bô** que ocupa a função de exprimir *estar* em algum lugar fisicamente e por último o **patá** com o valor de expressar a atividade do sujeito:

Ex:

Xipá **bô** = Estou em casa

Ipatá mokotó = Estou sentado

Isso quer dizer que *kuriá* aplicado às saudações tem a função de expressar o estado de espírito do sujeito do discurso.

Na sequência têm-se as partículas **Tai**, **Ai** e **Pai**. Esses morfemas exercem a função de prefixo adicionados ao verbo com função de pronome pessoal. Como o Balatiponé é uma língua radicalmente distinta do português, a língua que estamos utilizando como referência para tradução, naturalmente ao se traduzir literalmente pode gerar estranhamento na língua de tradução. Assim, fica entendido que as três saudações estão em formato adaptado ao uso em saudar pessoas nos três períodos do dia.

GRAMÁTICA (pronomes e marca de pronome no verbo)

Sugestão de tradução para **Tai**, **Ai** e **Pai**.

Possivelmente eles podem representar pronomes aplicados, nesse caso, em um contexto muito específico. Em outro caso, todos eles serão posicionados posteriores a um verbo ou ao predicado.

Tai= Vocês (Segunda pessoa no plural)

Ai= Te (Segunda pessoa no singular em caso oblíquo átono)

Pai= Nós (primeira pessoa no plural inclusiva)

No entanto, é notório que, em se tratando de tradução literal esse tipo de saudação não tem a ver com a mesma saudação se fosse feita a partir do português, foi uma adaptação, pois ao traduzir literalmente as três saudações com base no português se tem o seguinte resultado:

Bom dia= Pitukwá boaná

Boa tarde= Pitukwá mení pototá

Boa noite= Pitukwá bolotoximaná

E não o que se usa de fato na língua Balatiponé:

Aikuriá Pitukwá= Bom dia

Ixotá ixipaná= Boa tarde

Paikuriá Pitukwá= Boa noite

Adiante traremos exemplos de uso desses termos aqui sugeridos como pronomes.

Ixotá Ixipaná – expressão usada em contexto semelhante àquele que em língua portuguesa diríamos “boa tarde”, desmembrado resulta que os dois *I*'s representam primeira pessoa no singular, o *xotá* é o verbo *trazer*, *xipa* é casa restando *ná* pode ser consoante [n] acompanhada da vogal [i] alta, central, não arredondada, em que muitas vezes a pronúncia desse som pode ser confundida com vogal *i*, *o* e *u* em outros casos, podendo representar variações fonéticas.

O *ni* marca o sentido de estabelecer um ponto, local distante do outro ponto, esse segundo considerado como referência que é onde o sujeito do discurso se encontra podendo a tradução literal ser a seguinte:

Ixotá Ixipaná = Eu trazer minha casa de lá ou Eu trouxe minha casa de lá

Estamos com isso tentando mostrar o quanto a gramática é cultural e contextualmente construída.

Exemplo de variação de uso

Matarení = chama lá

Nokotarenotono ou Nokotarintoní = Longe ou Lugar lá

Balatiponé= povo ou gente de lá

Exemplo de variação fonética na língua com o uso das vogais i, í e u:

Hatipititi = Hatupututu = veado

Hatipititi =veado

Perceba que a vogal í pronunciada se torna um tom intermediário entre o i e o u.

Aqui se têm uma tipicidade fonética não presente no português.

Pitukwá é um adjetivo que tem o valor de bom, bem e bonito dependendo do uso.

Amí é um pronome pessoal em primeira pessoa no singular que ora aparecerá amí, ora será representado pelo **a**. Da mesma maneira serve o **Imí** que é a primeira pessoa no singular podendo ser representado por **I** em uma frase.

Mitikamí ou em português significa Quem é você?/Como você chama?

Existem variações dessa expressão na fala dos mais velhos, como: *Mistikamé*, *Mistikamí* ou *Mitikamé*, essa posta acima não pertence a nenhuma dessas variações, mas acompanha uma regra de um conjunto de expressões em que o prefixo **Matik** pode construir uma ligação familiar entre as expressões e seu valor etimológico pode estar relacionado com a sequência de palavras abaixo apresentadas:

Matikó = O quê/Não entendi?

Matikoré = O que foi/O que está acontecendo?

Matué = Onde?

Matuní = Para quê?

Traduzindo literalmente o prefixo **matik** equivale ao pronome interrogativo **que** acompanhado do artigo **o**, e não veremos **matik** funcionado isoladamente na língua. Verificando morfológicamente essa expressão, ela não deixa de acompanhar o conjunto de expressões revelando seu pertencimento etimológico. O **matik** equivaleria a “**o quê**” e **amé** ou **ami** se origina do **amí**, segunda pessoa no singular:

Matik = O que

Amí = você

Expressão - Mitikamí? - que na oralidade se transforma em “quem é você?”

Há outro detalhe, como em todas as palavras Balatiponé oxítonas, obrigatoriamente, deve aparecer o acento agudo no último **i** dessa palavra, seguindo ao pé da letra baseando-me no argumento exposto, a expressão seria Matikamí. Nas outras duas últimas palavras da lista desse conjunto de expressões, não há variações na fala, mas assim como o termo **matikamí** sofreu transformação, **matué** e **matuní** podem ter passado por alteração subtraindo a presença do **ik**.

Já o **Taré** tem valor de verbo **ser**, poderia acontecer para uma resposta mais prática num contexto informal a ausência desse verbo.

Ex: **Imí Ariabo** = Eu Ariabo

No entanto, acima ele está posto no contexto mais formal para se ter os dois exemplos, de formal e informalidade.

Makewá é intensidade empregada aos adjetivos, por outro lado existe o **Urí** que tem a ver com a quantidade dos substantivos em que pode ser traduzido por *muito* ou *bastante*.

Ex: A-boloxó pitukwá **makewá**!= Seu cabelo é muito bonito!

A-boloxó pikina **makewá**!= Seu cabelo é muito feio!

Amuxixí **makewá** = Você barrigudo muito! / Você é muito barrigudo!

Akimolo haré **urí** = Você pescou peixe muito ou Você pescou muito/bastante peixe.

Imí nuá manulo **urí**= Eu tenho filho muito/bastante ou Eu tenho muitos/bastantes filhos.

Na busca da construção e proposta de uma gramática em contexto, pressupusemos outros elementos que consideramos importantes para uma conversa:

Xipá= Casa	Matatú= Dançar
Matué= onde/lugar	Matarú= Cantar
Imí= Eu	Mataré= Falar
Amí= Você	Zaború= Brincar
Inuá= Ter	Nokotono= Passear
Zapá= gostar	Aketô= feliz

Noko= Não Héhé= Sim	Tore= triste
------------------------	--------------

Também palavras estimuladoras ou palavras-chaves para uma conversação:

Mistikamí? Como chama?

Xipá matué? Onde mora?

Matikó hinondo makiá ai? O que tempo ter você? ou Quantos anos você tem?

Unidade 2

Yaketô makiahí koxiporé imí

A minha grande amizade

Pauta:

-Pronomes pessoais e possessivos

Recursos linguísticos:

- Diálogo

- Frases

- Palavras essenciais

Yaketô makiahí koxiporé imí

A minha grande amizade

Já que estávamos nesse envolvimento de perguntas e respostas, e que contribuí muito para um início de uma interação na prática do dia a dia, vamos, neste sentido, continuar conhecendo outros usos da mesma importância dos que apresentamos anteriormente, seguimos!

Yaketô makiahí koxiporé imí

A minha grande amizade

Ariamunú, arimotô, nokibí imí!!

Taykuriá, ixotá ixipaná

Itakixí mataré makewá ai

Iporé makiahá, nokibí

Amí nokotono, metí uê?

Pixé akibolô haré matolotukamu olaripó zokê?

Inua zeyki

Lemoxipá, ikixiai xipá imí!

Observe como fica a versão do texto em português apresentada anteriormente em Balatiponé:

Ariamunu (nome próprio), vem aqui, amigo meu!!
Olá, (período do dia).
Quero muito falar com você
Sinto saudade, amigo.
Você está passeando, está trabalhando aqui perto?
Vamos pescar amanhã no rio Paraguai?
Eu tenho canoa
Entre, seja bem-vindo à minha casa.

Com base na fala acima, o que o Ariamunú poderá responder ao amigo dele? A ideia, desta vez, é colocar um estudante para assumir o lugar de Ariamunú, imaginar um cenário e elaborar a resposta ao seu amigo!

Nokibí imí!
Meu amigo!
Atopi!
Te vejo daqui
Zatopika alariná?
De qual lugar vem?
Eu gosto de pescar
Matikoré?
O que foi?

Pixé pa mataré kukukewá pui
Nós vamos falar muito um com o outro
Noko, nimaporimoto
Não, não disse nada
Matupí!
Com licença!
I kozá kiaré
Estou com sede

Pixonô!
Já vou!
A pi mato noko!
Não vá outra vez!
Ipi mato horu!
Eu volto logo!
Izapá akibolô haré
Eu gosto de pescar
Aykuriakô!
Estou bem!

Ionokotono
Estou passeando
Amí pitukwá?
Você está bem?
Pa yaketo makiahi kuxipoé,
Nokibí imí.
Nossa amizade é grande,
meu amigo.

Com essa lista de enunciados disponíveis para você. Agora, você irá usar a sua criatividade e o que você já aprendeu da língua para elaborar a resposta em forma de texto para o amigo de Ariamunú em sinal de sua grande amizade.

É possível com o glossário apresentado anteriormente, construir um paradigma de comunicação alternando os sintagmas. Já que nesse sentido essa construção é uma roleta de sujeito, verbo, substantivo, adjetivo, advérbio – ou, em outros termos, podemos dizer que estamos diante do “mecanismo da linguagem”, composto do revezamento de sintagmas e paradigmas, na linha do pensamento do linguista suíço Ferdinand de Saussure, segundo nos alerta Martins (2014), dentro de uma leitura fora da vulgata saussureana. Com suas respectivas posições assumidas, as alternâncias irão se realizando conforme a condição do enunciador. Através desses elementos se poderá expressar: ação, emoção, gostos, não gostos, qualidades, etc.

Sendo assim, na proposta de nossa gramática teremos: 1) a apresentação de um texto dialogado ou que pareça fazer parte de um diálogo; 2) o segundo passo será esmiuçar junto com os estudantes o léxico presente nesse diálogo e seu funcionamento gramatical; 3) a partir dessas duas etapas, os alunos têm contato com um glossário; 4) em seguida, e com base na compreensão que obtiveram pela vivência com o texto, poderão experimentar diferentes posicionamentos e alterações das mesmas palavras.

Com isso vão adquirindo uma compreensão mais profunda e versátil do funcionamento da língua Balatiponé.

Partiremos agora para outra estratégia de diálogo imaginando o dia a dia do falante. Para a elaboração do esboço de uma gramática em uso, partimos do seguinte glossário que será estudado após a apresentação do texto em que venha a aparecer:

Matarepatá= Nome próprio de pessoa	Kuriá= Estar/Estado de espírito
Minikamá= Nome próprio de pessoa	Totá= Estar/Ação
Ymakô= Mãe	Bô= Estar em algum lugar fisicamente
Yokô= Pai	Zotá= Cozinhar
Ymako-mixotô= Avó	Haré= Peixe
Yoko-mixiná= Avô	Akibolô= Pescar/Caçar
Amalá= Irmão mais velho	Pí= Foi
Abiono= Irmão mais novo	Atú= Ir
Aximbé= Irmã mais velha	Pó= Rio
Abendo= Irmã mais nova	Olaripó= Rio Paraguai
Imí= Eu/meu/minha	Iho= Comer
Amí= Você/seu/sua	Amí nowá?= Quer comer?
U= Ele/ela	Urí= Muito/ sentido numérico
E= Eles/Elas	Xipá= Casa
Tai= Vocês	Maxalá= Faz tempo
Pui= Um com outro	Ruru= Cozido
Zapá= Gostar	Kokine= Depois
Matí= Fazer	Bolotoxixi-purukwá= Café
Horú= Agora	Pá= Nós inclusivo
Akutá= Beber	Ikixiai= Seja bem-vindo(a)
Re= Nós exclusivo	Rikixi= Ver

I mataré pitukwá makewá **ai**,

(urixá, barepô) pitukwá!!

Atopí, noke, izokutú makewá

ai, iporé takuku makiahá!!

Matikó boaná **i** pi rikixi **ai**,

inikí?

I zaketô pitukwá **ai**

Muito prazer conhecer **você**,

moça, moço bonita(o)!!

Observo **você** daqui, por aí,

gosto muito de **você**, sinto

muita saudade de **ti**!!

Quando **eu** vejo **você** de

novo?

Gostei de **você**!

Em se tratando de pronomes, assim como há diversos pronomes em língua portuguesa e em outras línguas, também existem em língua Balatiponé: pronomes pessoais, pronomes possessivos, por exemplo. No entanto, em Balatiponé, a sua presença em um enunciado pode ser diferenciada comparado ao português. Vamos conhecer melhor esses pronomes e seu funcionamento na língua Balatiponé, já que para praticamente tudo que se diz eles estão envolvidos.

Para começarmos essa imersão e aproveitando a ideia do texto exposto anteriormente nesta unidade, acompanhe os pronomes em destaque no seu uso funcional contextualizado em frases do dia-a-dia.

Primeira Pessoa no Singular (P.S) / Primeira Pessoa no Singular Possessivo (P.S.P)

Imí taré Ayko!/ **I** kutá purukwá/ Urixá nokibí **imí**

Eu sou Ayko!/ **Eu** bebi água/ A moça é **minha** amiga

Segunda P. S. /Segunda P.S.P.

Amí taré Simayê!/ **I** mataré pitukwá makewá **ai**./ **A** jilá laxurí.

Você é Simayê!/ Muito prazer conhecer **você**./ **Sua** mão é comprida.

Barepô nokibí **amí**?/ O moço é **seu** amigo?

Terceira P.S/ Terceira P.S.P.

U zapá nokotono, nokê – **U** zapá mataré urixá ní – **U** atabé iku **u-jilá**

Ela gosta de passear, por aí - **Ele** gosta de falar com a moça – **Ele** pegou a flor da mão dela

Primeira P. Plural Inclusivo

Pa matatú meyukí Adôe zokê – **Nós vamos** dançar hoje na festa (Nós no inclusivo)

Primeira P. Plural Exclusivo

Re nokotono tipá Bakalana, tai nokotono nokê noko – **Nós vamos** passear na aldeia
Bakalana, vocês não passaram por aí (Nós no exclusivo)

Primeira P.P.Possessivo (Incl.)/ Primeira P.P.Possessivo (excl.)

Yoko, pa-tipá koxiporé./ E matatú **pai**/ Nokibí imí wasse, **Re**-xipá kuriká
Pai, nossa aldeia é grande./ Eles dançam para **nós**/ Meu amigo estrangeiro, **nossa** casa é pequena

Segunda P.P./Segunda P.P.Possessivo

I mataré pitukwá makewá **tai** – **Ta** ilolo inuá? **Ta** ilolo pupsê.
Prazer conhecer **vocês** – **Vocês** têm filho? – **Seus** dois filhos.

Terceira P.P./Terceira P.P.P

E yotô pupse bododô zokê./E laloyti nuá e
Eles dois caminham no quintal./ **Eles** têm o sonho **deles**

Iaí, nokibí, o que achou do uso dos pronomes que apresentamos para você?
Interessante e bem diferente, não é?

Creio que você deve ter notado que dependendo de alguns casos e da posição dos pronomes (Imí, amí) na oração se mantém a raiz (I, A) ou se deriva de A para Ai.

Os pronomes, no geral, estando no início de uma oração expressam pessoalidade, estando no final indicam possessividade, em certos casos, já que, como dissemos **A** de **Amí** se transforma em **Ai** mantendo o mesmo sentido de segunda pessoa no singular, em final de oração. Contudo, em final de oração, você ainda tem a opção de traduzir o **I** ou **Imí** (são usuais as duas formas) **para meu/minha**, e I para Me e Comigo (Arikau imí – O cachorro é meu/ Arikau okopo tô **i** – O cachorro me mordeu/ Amí pi nokotono í – Você vai passear comigo).

Além disso temos que entender juntos sobre os substantivos de pertencimento e não-pertencimento de alguém, isso quer dizer que existem em Balatiponé substantivos, as partes do corpo, por exemplo, qualquer membro do corpo ou é meu, ou seu, ou dele (**I-**

jilá - **Minha** mão/ **A-**jilá – sua mão **U-**jilá – mão dele) essa mesma lógica serve para os pronomes no plural:

Pa-xipá – **nossa** casa/ **Re-**xipá – **nossa** casa/

Ta-xuaré pupsê – **Seus** dois braceletes **E-**azú laxurí – Os cabelos **deles** são compridos.

Assim, entendemos duas situações quando identificamos os substantivos de pertencimento de alguém. A primeira que os pronomes que marcam posse estarão no início do termo. A segunda situação é que estarão veiculados a ele, aqui estou separando por hífen.

Conforme aprofundarmos na língua vamos conceber, naturalmente, essas marcas. Para continuar nosso entendimento adiante vamos tratar sobre os verbos, pitukwá nokibí imí?

Atividades

Após a nossa apresentação de texto e a nossa explanação sobre os pronomes, aproveite a oportunidade para construir suas belas frases utilizando qualquer um desses pronomes acima apresentado:

Re-taré zatambulô rerukwá balatiponé

Somos os guardiões da nossa língua balatiponé

Pa – yokô, ymakô

Nossos pais

E – pi rimotô tutó yuri ní **popsê pai** /Eles estão vindo com dois papagaios para nós

E após compreendermos sobre o uso dos pronomes, as marcas temporais por meio dos verbos, você imagina como se dá a ocorrência da marca do plural? Os pronomes também evidenciam partes dessas marcas. De outra maneira, a marca aparece nos números que vão até o três, a partir dessa quantidade é empregado o termo urí para designar muitos. Esses termos fazem com que os demais conjuntos de termos da oração apareçam no plural, desta forma temos os seguintes exemplos de uso:

Arikau, aykú, yuri **puperiká** arití = O cachorro e o gato, papagaio, os três brigam

Imí atabé **harí urí** matapí ní = Eu peguei muitos peixes do cesto

Ixurixá **makewá** pitukwá= Minha esposa é muito bonita

A palavra harí, em específico, está no plural, já que no singular é haré.

Matarepatá, aykuriá
pitukwá!

Aykuriakô, Minikamá, amí
pitukwá?

Héhé, imí pitukwá
makewá. Paykuriá!

Matarepatá, ymakô amí xipá bô,
A-yokô xipá bô? Ekuriá pitukwá?

Héhé, ymakô imí zotá haré.
Yokô imí matí bolotoxixi-
purukwá. Ekuriá pitukwá
makewá!

Imí rikixi aí. Pa-
matarua noko maxalá
pui

Héhé, ikixiai xipá imí.
Amalá imí akibolô haré
olaripó. U-akibolô haré
hurí, hurí.

Ukibolô pi zaruto, alarokoré,
atikoponô, manuyé. Imakô imí
zotá bukwaká, dumadaká. Amí
zatiní? Pixé ihô?
Unukukwarukwá, pixé akutú
bolotoxixi-purukwá.

Héhé, imí kokopitano. Pixé akutú
bolotoxixi-purukwá oru, kokine
pixé ihô! Imí zapá haré ruru.

Vamos extrair do diálogo temas para ampliar nossa exploração linguística. O diálogo tratou sobre a cultura de pescar, pois relacionou a ida de alguém ao rio onde pescou vários peixes, cujos nomes foram apresentados; também foi tratado sobre o consumo de arroz e feijão com o peixe cozido, o que tem a ver com consumo culinário. Esse consumo é uma herança cultural dos cultivos agrícolas.

Akibolô haré= Pescar peixe/Pescar

Akibolô zatí= Caçar animal/Caçar

Notemos que o mesmo termo usado para pescar é usado para a ação de caçar, a diferença entre uma ação é dada pelo complemento posto depois do verbo *akibolô*. Podemos transformar esse verbo em uma palavra-chave/sintagma para a construção de diversos paradigmas em conjunto com outras palavras-chaves, ou seja, como em uma sequência de palavras se terá a opção de escolher qual construção sintagmática realizar.

Nomes de rios que fazem parte ou já fizeram parte do território Balatiponé:

Rio= Pó	Jacú= nome de uma ave dado a um córrego dentro do território em outra língua
Helatipoparé= nome em balatiponé de um córrego que cruza a aldeia Umutina	Amoroso= nome de um córrego dentro do território indígena em outra língua
Olariopó= Rio Paraguai em Balatiponé	Guarantã= nome de um córrego dentro do território indígena em outra língua
Xopó= Rio Bugres em Balatiponé	Jaukuara= nome em outra língua de rio afluente do rio Paraguai próximo do território indígena
Kepó= Rio Sepotuba em Balatiponé	
Jotopó = nome em Balatiponé de uma nascente dentro do território indígena	
Piapó= nome em Balatiponé de um córrego dentro do território indígena	
Massepó= nome em de um córrego dentro do território indígena	
Bojopoparé= nome em Balatiponé de um córrego que já não faz parte do território Balatiponé	

A seguir vamos conhecer a catalogação dos peixes em Balatiponé:

Aloaré= pintado	Manuyé= piraputanga
Alarokooré= caxara	Menu= arraia
Apoé= cabeçudo	Okoxó= bagre-mole
Atikopono= pacu	Okoxó-kuriká= chum-chum
Ború= sauá	Otomuná= sardinha
Buyé= piranha	Ozé= dourado
Harixinô/ló= curimbatá	Pukakano= pacu-peba
Hadotorenetonê= lambarizinho	Poro= Jaú
Hodoaré= surubim	Uapoitetino= piau-açu
Homa= geripoca	Zaruto= bagre
Huribé= toviraHutudonó= cara- açú	Zemá= geripensem

Com o repertório vocabular apresentado até o momento, é possível construir ideias e aplicá-las em Balatiponé, expressando sentimentos, gostos, sua ação, ação de outra pessoa, qualidades, posses.

Apresentamos até aqui algumas propostas que poderiam constituir um módulo inicial. Nos tópicos que seguem adiante, apresentamos nossa proposta de ensino da língua Balatiponé em uso acompanhada de verbos e expressões com o sentido de comandas para direcionar as atividades dos alunos, conforme o modelo:

Produza junto com os alunos um conteúdo textual aproveitando tudo o que foi trabalhado até aqui por meio das ideias estimuladoras a seguir:

Matikó mati zapá? O que gosta de fazer?

Matikó haré zapá ihô? Qual peixe gosta de comer?

Zapá noko! Não gosto de...

Unidade 3

Imí taré ilolô balatiponé

Eu sou filho balatiponé

Pauta:

-Verbos (Passado, Presente, Gerúndio e Futuro)

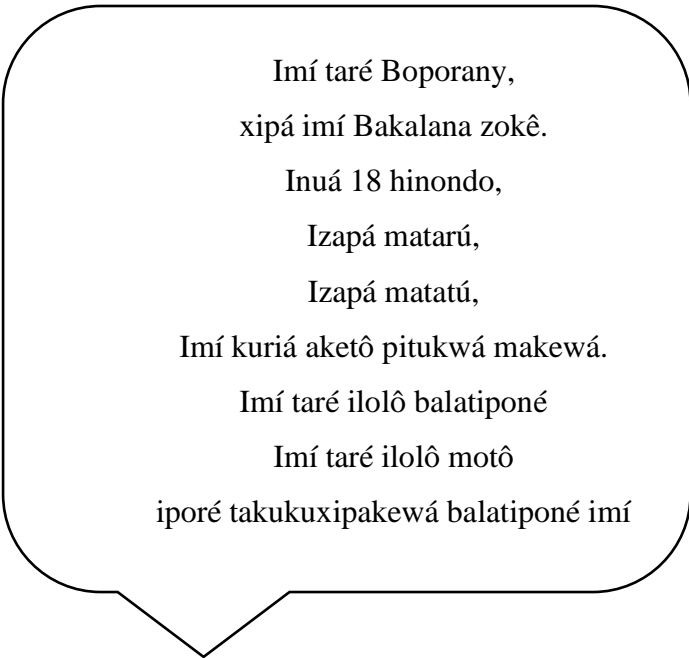
Recursos linguísticos:

-Texto narrativo

- Frases

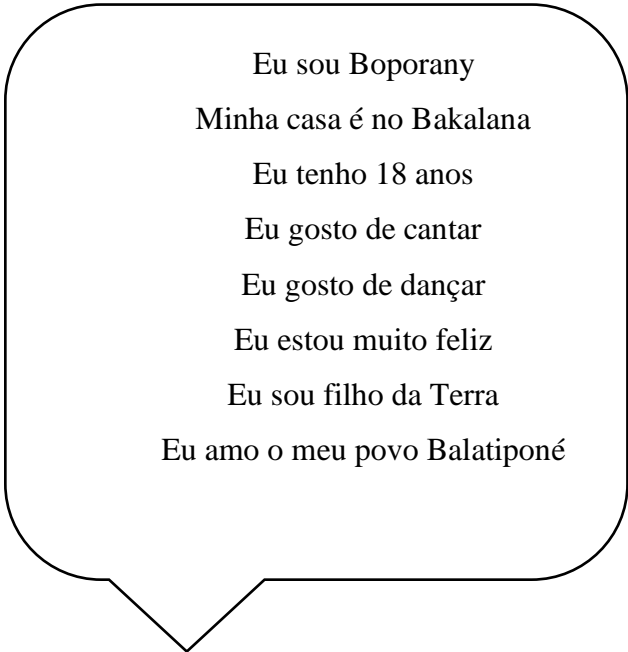
Imí taré ilolô balatiponé

Eu sou filho balatiponé



Imí taré Boporany,
xipá imí Bakalana zokê.
Inuá 18 hinondo,
Izapá matarú,
Izapá matatú,
Imí kuriá aketô pitukwá makewá.
Imí taré ilolô balatiponé
Imí taré ilolô motô
iporé takukuxipakewá balatiponé imí

Há várias linguagens que usamos para expressar nossos sentimentos; nossa ação; nossa reação; nossa história; nosso presente e as nossas expectativas, nossos sonhos. Uma das ferramentas mais poderosas capaz de transmitir essas expressividades continua sendo a língua. Há diversos fenômenos que acontecem dentro dela, que carregam memória; ancestralidade; inovação entre outras realizações do mundo projetadas na língua. Sendo desta maneira, um dos conteúdos elementares que contribui para a promoção desses feitos na língua é o verbo. Vamos para a tradução!



Eu sou Boporany
Minha casa é no Bakalana
Eu tenho 18 anos
Eu gosto de cantar
Eu gosto de dançar
Eu estou muito feliz
Eu sou filho da Terra
Eu amo o meu povo Balatiponé

Vamos juntos entender as marcas temporais: passado, presente e futuro em Balatiponé? Há situações em que essas marcas de tempo vão se apresentar e estar vinculadas a um termo que expressará uma ação (verbo), ou seja, o verbo estará flexionado, no entanto haverá caso em que o verbo não estará flexionado, mas existirá na sentença referências que produzirão o efeito de acontecimento: **aconteceu, acontece, continua acontecendo, vai acontecer**. Quando existir mais de um verbo na sentença, um, apenas, servirá como referência com sua conjugação, desse modo, dará a compreender que outro verbo mesmo não estando conjugado é influenciado pela conjugação do verbo referência na sentença. E ainda teremos a ocorrência de uma sentença inteira para demonstrar a ideia de acontecimento. Vale ressaltar a possibilidade de sentenças desmembradas na própria língua em partículas vocabulares perderem seu efeito semântico, isso vale também para a tradução literal para o português da sentença por partículas, o que uma palavra avulsa surtirá um sentido, essa mesma palavra articulada a outras formando uma sentença surtirá outro sentido. Vamos aos exemplos:

Expressão de tempo no passado

I **kutá** purukwá akietô

Você **bebeu** a água fria

Ajikuitá **tokopomo í**

A onça pintada me **mordeu**

I-makô inutú

minha mãe dormiu

Expressões de tempo no presente

A-biá **polotô**

Sua orelha é **furada**

U-azú urixá **hatô** pikina

A cabelo da moça **cortado** está feio

I kozá kiaré

Estou com sede

Expressões de tempo no gerúndio

Amí **nuá** apú **hotí**

Você está **comendo** paca **assada**

I manué hotí **tutó**

Estou **assando** piraputanga

Expressões de tempo no futuro

I **pi** kutú purukwá bolotoxixí barú

Eu **vou** beber café quente

U **arimotô tutó** purukwá bolotoxixí ní pai

Ela/ele está vindo com café para nós

A-biá **pi polotô** boí ní?

Você vai furar sua orelha com espinha de tucum?

Apontamentos

Nesta unidade, foram introduzidos:

1. Pronomes pessoais;
2. Tempos verbais;
3. Uso diferenciado de certas preposições e posposições;
4. Formas de organização sintática próprias da língua Balatiponé

Destacamos ainda que:

1. A unidade foi construída sempre dentro do diálogo com o leitor/aprendiz, ou seja, de forma interativa;

2. Chamamos a atenção para o fato de que as expressões possuem valor contextual e que, por isso mesmo, a tradução literal muitas vezes não dá conta de seu significado ou da forma de sua utilização;

3. Esta unidade explorou pequenos diálogos e introduziu listagens de substantivos que remetem a elementos bem típicos da cultura local, com vistas à ampliação e reconhecimento de vocabulário o qual, em princípio, pode ser utilizado dentro de frases em língua portuguesa, ou seja, de forma híbrida.

Unidade 4

Ikixiai ametá erukwá balatiponé

Adôe

Pauta:

- Sintaxe

Recursos linguísticos:

- Texto descritivo

- Palavras e unidades morfológicas essenciais

Ikixiai ametá erukwá balatiponé

Seja bem-vindo à roupa da língua balatiponé

Taykuria!!

Ikixiai ametá erukwá

Balatiponé!!

Pixe mataré adôe, horí!!

Olá!!

Seja bem-vindo(a) à roupa da língua

Balatiponé!!

Vamos falar de festa, agora!!

E você sabe o que é o Adôe? Vamos ler em Balatiponé a explicação do Adôe, amí pitukwá?

Adôe taré hindondô aketô motozá balatiponé.

Balatiponé totá Adôe tipazá unukukwarekwá.

Owá balatiponé tipá bô Adôe boaná, urixá, barepô.

Adôe taré hindondô matatú, hindondô kutá jolorukwá, huré, huré...

Hindondô hô haré, rikixí owá nokibí.

Observe agora como fica essa explicação em língua portuguesa.

Adôe é época de felicidade dentro do território balatiponé.

Os balatiponé realizam Adôe dentro de uma aldeia.

Todos balatiponé estão na aldeia no dia do Adôe, moça, moço.

Adôe é época de dançar, de beber muita, muita... bebida de milho

Época de comer peixe, ver todos os amigos(as).

Através da explicação é possível entender que o Adôe é um grande encontro o qual favorece o público com dança, comida e bebida, portanto um grande festejo. Avancemos mais na exploração sobre Adôe.

Iniciaremos pelos verbos que podem ser comuns em ocasião como essa do Adôe.

Matatú- dançar

Matarú- cantar

Kutá- beber

Hô- comer

Zapá- gostar

Taré- ser

Rikixí- ver

Vamos entender a função de duas marcas de complemento linguístico que apareceram no texto, (za) e (bo), essas são algumas das marcas que nunca aparecem de forma isolada.

Za – dentro de algo ou lugar

Bo – estar em algum lugar

Exemplos:

Tipá za – dentro da aldeia

Tipá bo – estar na aldeia

Sabendo disso, é importante conhecer alguns dos nomes de danças realizadas no Adôe. Os nomes em uma frase podem ter função de sujeito e ou substantivo.

Korioká - Lorunó - Yuri – Pikurina - Mixinozê Katamã - Boyká - Akukaná -
Zataribú - Popsê

Você conheceu os nomes das danças mais comuns do Adôe. A seguir vamos explorar outros elementos como substantivos e adjetivos que apareceram em nosso texto anteriormente.

Substantivos:

Motô – Território

Tipá - Aldeia

Xipá – Casa

Hindondo – Tempo/Época/Período

Adjetivos:

Nokibí - Amigo (a)

Urixá - Moça solteira

Barepô- Moço solteiro

Aketô – Feliz

Você se recorda dos pronomes? Vamos retomá-los novamente?

Imí – eu/meu

Amí – você/seu

U – Ele/ela

Pá - nós no inclusivo

Re - Nós no exclusivo

Ai – Vocês

E – Eles/Elas

Owá – Todos/todas

Pui – Um com outro

Com tudo que foi mobilizado linguisticamente até aqui e levando em consideração os substantivos, sujeitos, adjetivos, verbos e pronomes como bem visto vimos anteriormente, peça ao estudante a elaboração de cinco frases em Balatiponé, aproveitando o contexto do Adôe.

Como exemplo temos as seguintes frases:

Imí zapá matatú Adôe

Mixinozê matarú ai

Como se pode observar nas frases acima é comum, na língua, o pronome (imí) em primeira pessoa estar no início de uma frase e o pronome de segunda pessoa (ai) no plural estar na última posição.

Para continuar essa exploração e construção de frases, observe como elas podem ser elaboradas sintaticamente, como por exemplo:

Sujeito	Verbo	Complemento
Imí	Taré	Balatiponé pituwá makewá
Amí	Kuriá	Aketô adôe ní?

Nesse aspecto, se pode estar substituindo uma palavra por outra da mesma classe gramatical acompanhando essa que é uma das sequências da língua e, assim, construir novas frases com o vocabulário que você já possui.

Adôe Ametá

Horí pixé mataré adôe ametá oto

Adôe ametá julá

Pixé nanixí noko e?

Agora vamos falar dos trajes de adôe femininos

e trajes de adôe masculinos

Vamos saber sobre eles?

Bodo – Hakikano – Ajupo - Amikitá - Manetokopó hatorikaré - Manetokopó ajikuitá -
Biriká ajikuitá - Xuaré - Ametá otô - Ametá julá - Motumburé - Poari

Com informação prévia, a partir dos utensílios que formam o traje, separe separar o que pertence ao traje feminino e do que pertence ao masculino.

<p>Píxé pa matatú matolotukamú Adôe ametá pitukwá makewá ní Atu Adôe owá balatiponé Abiolô rikixí owá matatú.</p>	<p>Amanhã vamos dançar no Adôe com trajes muito bonitos Todos os balatiponé vão estar As crianças olharão todos dançar</p>
--	---

Apontamentos

Nesta unidade, foram introduzidos:

1. Substantivos
2. Adjetivos
3. Verbos
4. Pronomes pessoais e possessivos

Destacamos, ainda:

1. A unidade foi construída sempre dentro do diálogo com o professor que relacionará diretamente com o aprendiz, ou seja, de forma interativa;
2. Nesta unidade trabalhamos com textos de caráter narrativo-descritivo, a fim de provocar uma conexão entre a língua e o aprendiz envolvendo-o em um cenário familiar da cultura Balatiponé em que esses textos podem ser aplicados.
3. Buscamos mostrar como se montam as frases na língua Balatiponé quando pretendemos apontar para ações que se dão no presente
4. Aplicamos principalmente o uso de duas partículas póspositivas (*bo* e *za*) que marcam uma tipicidade da língua que exploramos aqui.
5. Destacamos melhor nesta unidade algumas formas mais padronizadas de constituição de frase em Balatiponé.

Unidade 5

Taré pitukwá makewá amametú

Pauta:

- Sentenças diferenciadas
- Preposição
- Plural

Recursos linguísticos:

- Textos instrucional
- Frases
- Palavras essenciais

Taré pitukwá makewá amametú

É muito importante aprender

Vamos continuar falando sobre o Ametá a partir de cada nome apresentado anteriormente?

Começaremos, então, pelo Hakikano:

Ha matí ai hakikano, taré pituwká makewá ná ibotoká matayá ou ibotoká aixipocepá, makiá okiopú, makiá iné hurí makewá karikixi kuriká.

Do que é feito o hakikano? É exatamente sobre isso que o texto acima em Balatiponé está tratando. Situe-se em como fica a versão em português?

Para fazer o hakikano, é muito importante ter penas de tuiuíú ou penas de gavião real, ter fio de algodão, ter bastante madeiras finas e pequenas.

É muito importante saber que ao longo das apresentações, o funcionamento das palavras no texto, quando em um contexto elas expressam um sentido, em outro contexto elas podem expressar outro.

A palavra **Ha**, por exemplo, assume o sentido de **para** em português no contexto exposto. Em outro contexto, essa mesma expressão junto com a palavra **makiá** ficaria, por exemplo:

Iporé makia ha

Sinto a sua falta

I zokotu makewa ai

Eu estou com muita saudade de você

Outro caso de mudança é a junção das palavras:

Taré pitukwá makewá nuá

É muito importante ter

Mataya = Tuiuíú

Aixipocepá = Gavião-Real

Ibotoká laxoré = Pena longa

Ajupo

I-pí mati ajupo Ipí azohodokoaditita ajupo nolukwá beriti Ajupo taré barepô	Eu vou fazer ajupo vou pintá-lo de urucum vermelho Ajupo é masculino
--	---

Ipí = Eu vou

Mati = Fazer/Preparar

Azohodokoaditita = Pintar

Nolukwá = Urucum

Beriti = Vermelho

Bolo

Alaporé u ibotoká beriti pitukwá Yuri u ibotoká ukí re tamati bolo balatiponé	A arara vermelha com sua pena vermelha e bonita O papagaio com sua pena verde Nós fazemos o bolo balatiponé
---	--

Alaporé = Arara-vermelha

Yuri = Uma espécie de papagaio

Ukí = Verde

Re = Nós no exclusivo (quando alguém envolvido numa situação com uma pessoa ou mais está e informa a outro alguém que não esteve ou não está envolvida na situação)

Exemplos:

Re tamati bolo

Nós fazemos bolo

Re matatu Adôe, amí matatu noko

Nós dançamos no Adôe, você não dançou

Pá = Nós no inclusivo (Quando o sujeito da oração informa outra pessoa sobre algo e a pessoa informada está envolvida na situação)

Exemplos:

Pixé pa matatú matolotukamu Adôe

Nós vamos dançar amanhã no Adôe

Amí, imí pa tamati bolo

Você e eu fazemos bolo

Babodokwá

Babodokwá taré mati bó bói
Makia babodokwá kuxiporé
Makia babodokwá kuriká

Babodokwá é feito de coco de
tucunzeiro
Existe babodokwá grande
Existe babodokwá pequeno

Bó = Fruto de tucunzeiro/coco tucum

Bói = Tucunzeiro/Pé de tucum

Boí = Espinha de tucum (também usado para ser o pino para encaixar na orelha)

I biá taré polo to

Minha orelha é furada

A biá taré polo to ha babodokwá

Sua orelha é furada para babodokwá

Manetokopó

Manetokopó taré mati okopó
hatorikaré
Manetokopó taré mati okopó
ajikuitá
Manetokopó taré mati okopó
ayko

O Manetokopó é feito de dente de
queixada
O Manetokopó é feito de dente de
onça pintada
O Manetokopó é feito de dente de
onça parda

Okopó = Dente

Hatorikaré/Botorikaré = Queixada

Ajikuitá = Onça-pintada

Ayko= Onça parda

Azi = Jaguaririca

Ajikuitá taré imakó mukimó, e mataré owá zati biá

A onça-pintada é a mãe da floresta, ela fala todos os bichos escutam

Xuaré

Xuaré taré unukukwarekwá
meduare pitukwá makewá
"Pa owá"
Xuaré taré oto, Xuaré taré barepô

Xuaré é uma palavra muito bonita
"Todos nós"
Xuaré é feminino, Xuaré é
masculino

Unukukwarekwá = Um/Uma

Meduare = Palavras

Bo = Penugem

Okiopú = Fio de algodão

Xuaré taré mati bo alaporé, bo huarê, mati okiopú

O Xuaré é feito de penugem de arara, de penugem de mutum carijó e de fio de algodão

Gostou da explicação de alguns dos utensílios que formam o traje de festa?

Então vamos dar continuidade à formação de texto e frases com nomes que restam do traje:

Amikitá

Ametá

Motumburé

Biriká Ajikuitá

Bapo

Apontamentos

Nesta unidade, foram introduzidos:

1. Dois tipos de pronomes da primeira pessoa no plural
2. Preposições
3. Substantivos

Destacamos, ainda:

1. A unidade foi construída sempre dentro do diálogo com o leitor/aprendiz, ou seja, de forma interativa;

2. Foi introduzido texto do gênero do discurso instrucional de tal forma que o leitor aprenda a reconhecer diferentes formas verbais. Enquanto que na unidade anterior incentivamos a formação de enunciados com a ideia de ações no presente, nesta unidade buscamos mostrar como formar enunciados na língua Balatiponé que apontem para ações a serem realizadas no futuro.

3. Marcamos na passagem desta unidade a realização dos dois pronomes de primeira pessoa no plural, como uma marca típica da língua Balatiponé, em que o leitor entende que o pronome existe na sua forma inclusiva (Pa) e em sua forma exclusiva (Re) não idealizados fora do contexto de um cenário padrão da língua.

Unidade 6

Matará ekarino

Pauta:

Produção de texto

Recursos linguísticos:

Literatura Balatiponé

Imagens ilustrativas

Narrativa ancestral, cantos ancestrais

- Discussão sobre a tradução de Balatiponé para o Português

- Apontamentos de determinadas marcas (classe de palavras, sintaxe) para adaptação ao Português

Atividades do aluno(a):

Produção de texto

Por falar em ametá (traje), vários desses componentes que compõem o ametá são, em realidade, enfeites que são encaixados ao corpo. Para completar e dar mais significado a essa prática, existem também as pinturas corporais, cada uma com sua identificação e contexto.

Balatiponé nua ekarino horí ha upurú

Makia ekarino okibó, azé

Makia ekarino wahedatí, owarimbá

Makia ekarino xií, tronco

Makia ekarino bedotuxixi, ixo

Makia ekarino xopalákatí, antebraço

Makia ekarino doari, bonlá

Owá ekarino taré tabé zatí:

Boé, apo, azí, haré, aloaré.

Os balatiponé têm diversas pinturas para o corpo

existe pintura okiobó, facial,

existe a pintura wahedatí, do queixo,

existe a pintura xií, do tronco,

existe a pintura bedotuxixi, do braço

existe a pintura xopalakatí, do antebraço

doari

todas as pinturas são inspiradas em animais:

tamanduá-bandeira, tamanduá-mirim, jaguatirica,

peixe (genérico), surubim (peixe específico).

Note alguns conjuntos de Ekarino.

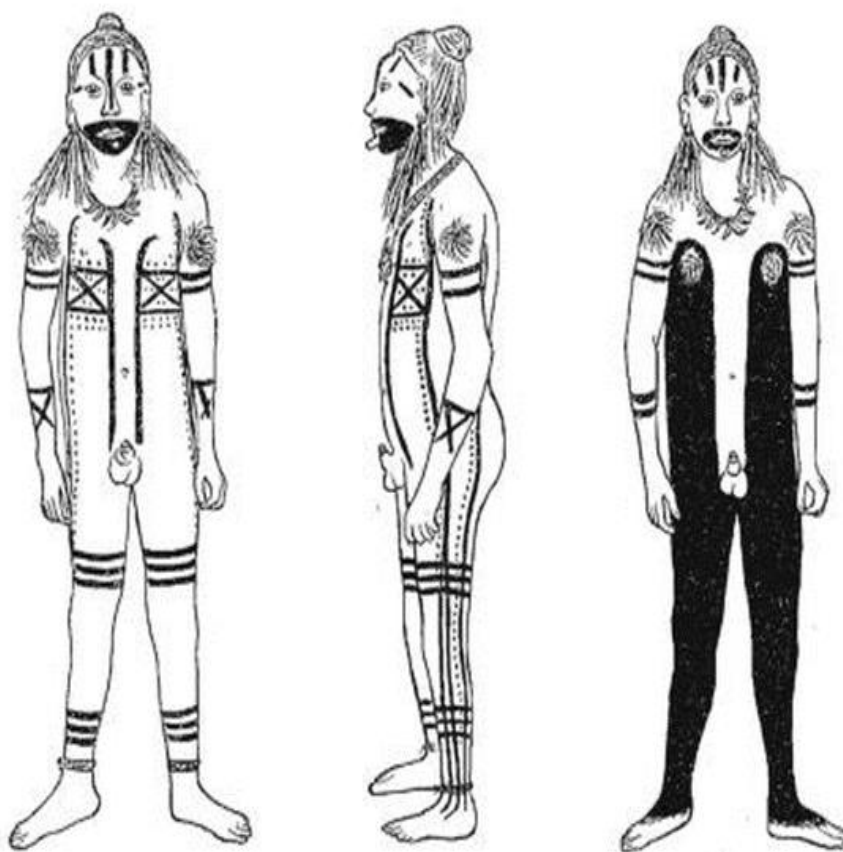


Imagem 12. (SCHIMITD, 1941)

Nessa imagem acima apresentada pode-se observar, em destaque, dois dos conjuntos de pinturas masculinas, desde a parte inferior à parte superior do corpo de um homem.

- Okiobó azí = pintura da jaguatirica
- Wahedatí = pintura do lobo-guará
- Bedotuxixi haré = pintura do surgimento do peixe
- Xopalákatí = pintura do surgimento do peixe
- Xií apo = pintura do tamanduá-mirim
- Xií aloaré = pintura do surubim

Como podemos observar, as pinturas estão distribuídas por partes do corpo, cada parte do corpo em que uma pintura é estampada apresenta um nome mais a especificação da pintura, por exemplo: em “Okiobó azí”, temos Okiobó, em que o local de estampa é

a face + azí = jaguaririca (especificação da pintura nessa parte do corpo) mas poderia ser okiobó akibolô = pintura de caça na face. Servindo igualmente para outras partes do corpo.

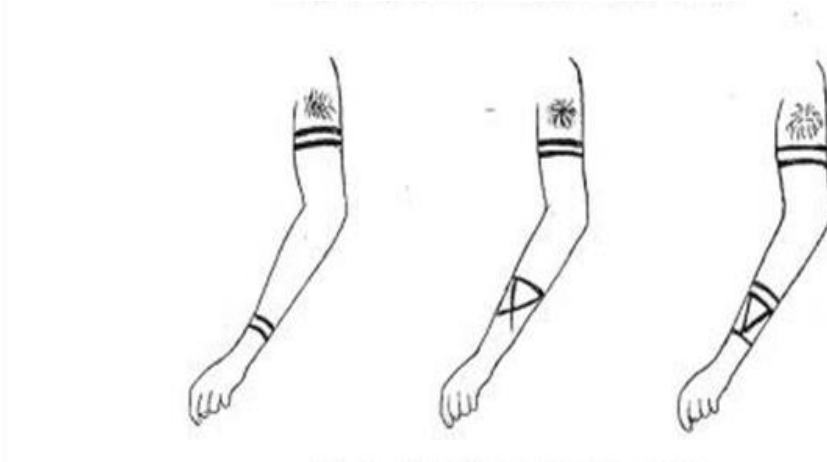


Imagem 13. (SCHIMITD, 1941)

Nessa segunda imagem, apresentamos pinturas em três formas. Os traços nos braços podem variar pela distinção de clã e estado civil da pessoa. As duas últimas estão simbolizando o surgimento dos peixes.

Na sequência, vamos conferir a pintura corporal das mulheres:



Imagem 14. (SCHIMITD, 1941)

Um dos conjuntos de pinturas utilizado pelas mulheres é apresentado acima. Abaixo o destaque dos braços apresentando distinções:



Imagem 15. (SCHIMITD, 1941)

Pode-se retomar que no caso das denominações das pinturas masculina, as partes do corpo da mulher vão possuir as mesmas especificações, “partes do corpo mais complemento”, isso é que vai distinguir uma pintura da outra.

Já no caso referente às pinturas no braço feminino, elas expressam o estado civil (casada, solteira) e etapa de vida (moça jovem, mulher adulta, mulher idosa).

Investigue junto aos mais velhos qual pintura está relacionada a cada um desses significados e após saber produza a resposta em Balatiponé.

Matarú tutó matará kukuxipakewá

Cantando belas canções

Mení, Harí jibikí xó Katamã

Unukukwarekwá boaná, Mení jibikí xó Katamã, Maní atú xó urí u-xipa. Harí atú nokotonô u-nokibí Mení, Harí rikixí urí xó xipá Mení ní, Mení mataré ha Harí atabé ní Katamã. Harí titó aloaré, Katamã iyá bixó Aloaré taré Harí. Katamã kibolô Harí, Hari taré aloaré. Katamã atabé aloaré atú ha u-xipá, zató haré ha u-ilolô puperiká. Ouwá utupalambú, u-lolô puperiká kuriá amuxixí, azabô haré huré, huré, huré. Mení ixipozá Katamã, pionokotono. Miní apá laká haré motô, hokotoponô, atabé kotiká aká, kotiká yaparé atapumotô há pupuriná. Pixonô hexipá imbú pupuriná motô, ayulá mxinozê. O`hebutá Harí puiamú!

Matará Mixinozê

Primeira versão	Segunda versão
<p>Harí harí harí hutakí Lua lua lua queimou Harí harí harí hutakí lua lua lua queimou ha — ha — hùti ha — ha — h au Hári hári ho' hoto'pono' lua lua clavícula Hári hári ho' koto' pono' lua lua clavícula ha — ha — ha ha — ha — Huti hári hári yáparé lua lua bochecha Hári hári yáparé lua lua bochecha ha — ha — hũú ha — ha — huti Mini mini hinondo' tore' sol sol tempo triste mini mini hinondo' tore' sol sol tempo triste ha — ha — huti ha — ha — huti Mini mini mini hütakí sol sol sol queimou baru baru hinondo' tore' tempo triste bàru baru hinondo' tore' tempo triste ha — ha — huti ha — ha hati</p>	<p>huuhuhuhuuuu Hêyhê, hêyhê, heyhê Harí, harí hutakí Harí, harí hokotoponô Harí, harí yaporé Mení, Mení hinondotoré Mení, Mení Hutakí Barú, barú hinondotoré Hêyhê, heyhê, heyhê huuhuhuhuuuu</p>

Na língua Balatiponé haverá modificações em alguns casos em outros não em comparação com a sintaxe do português, por exemplo: Abiolô puperiká kuriá amuxixí Criança três estar barriguda. As três crianças estavam barrigudas. Em Balatiponé o numeral três vai ser um fator que surtirá o efeito de plural em outras partículas da frase que necessitam pluralizar quando se verte em português, mas na língua de origem não é tão necessário. E esse numeral deve estar próximo do sujeito que é o ‘abiolô’. Na língua de origem é possível a sintaxe ser: sujeito, verbo e predicado, em alguns casos não, como o exemplo acima apresentado.

Fazendo uma comparação entre o idioma Balatiponé e o português, temos então uma fronteira entre línguas vistas aos moldes da tradução. No patamar mais básico de avaliação tradutória, vamos saber, por exemplo, que a língua balatiponé não possui ou necessita de artigos para expressar gênero ou quantidade, em certos casos. Por exemplo: Katamã akibolô haré Harí - Katamã pescar peixe Harí

Há uma transformação quando se necessita de referência para se ter um entendimento mais preciso do que está sendo dito. Assim sendo o termo “akibolô”, ao mesmo tempo que pode expressar ação de caçar e de pescar, a referência para dizer que vai realizar a ação de pescar é o termo genérico haré (peixe), nesse caso isso é necessário, pelo fato de na história o Harí estar sendo apresentado como pessoa e não como peixe. Ou seja, não bastaria “akibolô” para dar a entender que o personagem foi pescar.

Katamã Matará

uuuuuuuuuhuhuhuhuhuhuuuuuu...

huhuhuhuhuhê...

huhuhuhuhuhê...

Imatare imatarú huhuhuhuhu...

Imatare imatarú huhuhuhuhu...

Imatare imatarú katamã katamaréhéhéhéhé...

huhuhuhuhuhu...

imatare imatarú

imatarú pitukwá katamã katamaré héhéhéhéhé...

huhuhuhuhu...

uuuuuuuhuhuhuhuhu...

Ainda há no povo Balatiponé diversas canções tradicionais de tempos imemoriais que fazem referência e remontam a acontecimentos da era da criação do mundo. As canções expostas antes “Katamã Matará” (Canção do Katamã) e Mixinozê (Eclipse Lunar) trazem essa bagagem ao serem associadas à era antiga do mundo.

A sintaxe presente no canto é que dá pistas para a reconstituição estrutural da narrativa; por outro lado, é a narrativa que fornece o preenchimento semântico do canto, possui teor explicativo. No canto o cantador, ou os cantadores estão conscientes do contexto do canto, que sua criação emerge de jeito específico de se compor canto em Balatiponé, de modo que o que ele diz não precisa estar completo, o contexto visível para ele ou eles, já é suficiente – e em certo sentido devia ser suficiente lá nos tempos ancestrais. A sintaxe abreviada do canto é muito importante, para que a narrativa não se empobreça como mera narrativa sem teor literário.

Fechamos aqui com trecho da história do surgimento dos peixes na Terra, através do sacrifício de Zurimã, em seguida trecho de uma canção que era entoada na pesca com timbó.

Zurimã Yokô Rarí

Maxalá urí, Zurimã, unukukwarekwá barepô boloriê, u-rikixí o'rebutá Motô, utaré yokô rarí, unukukwarekwá barepô pitukwá makewá ha Balatiponé. Unukukwárekwá hindondô mokotarintonô, owá boloriê kokopitano makewá, rarí kiawá. Owá utú makewá ha Zurimã, utupalambó kiawá ha boloriê ihô. Unukukwarekwá boaná, Zurimã, u-pakixí rikixí boloriê biá, kokopitano. Zurimã atabé ilolô u popsê, atú anapí pó. Mokotarintono u-xipá, anapí pó, Zurimã titó Inyanzó Koxiporé ilolô ní, owá ipwazo, tokwá, puiamú axidá purukuwá zokê, titó rarí. Meyukí Motô, rarí nuá urí. Boloriê biá noko, Boloriê taré Balatiponé zokê.

Há muito tempo, Zurimã, um homem Boloriê, acompanhou a formação do mundo, ele é o pai/guardião dos peixes, um homem importante para os Balatiponé. Em um tempo distante, todos os Boloriê viviam com fome, não existia peixe. Todos

choravam/reclamavam para Zurimã, não havia comida para seu povo comer. Um dia, Zurimã, com medo de ver seu povo morrer, com fome. Zurimã pegou seus dois filhos, se vai rio abaixo. Distante de sua casa, rio abaixo, Zurimã se fez em uma grande árvore com seus filhos, todas as vezes que as folhas, as frutas, caíam na água se faziam peixes. Hoje a Terra possui muitos peixes. Os Boloriê vivem, os Boloriê são os Balatiponé.

Matará Harí

hug hug hug hug

tálalúrixé tálatarixé

talatúrixé

hatudone' hatudone' hatùdone' hatudone'

taritu, taritu, taritú, taritú

pudonoto tobilaxá

tailobitazó apo orú

Aritú hú, aritú hú, aritú hú

...(nome de todos os peixes)...

hatíye' yokínotó hê pámbú yaházokí hêhatiazobo iyoki hê hati litipeto hê ziriki

mupa hô

Aproveitando toda aquisição da língua Balatiponé até esta etapa, com a contribuição do professor, com a motivação dos textos anteriormente apresentados, como atividade final, elabore um texto descritivo e outro narrativo, ambos em balatiponé, utilizando os recursos e regras elucidados ao longo deste material.

DISCUSSÃO FINAL

Nos estudos depreendidos nesta dissertação, será possível estabelecer as inevitáveis mudanças correntes na língua como parte de um fenômeno natural e por uma tipicidade contextual que quase levou ao desaparecimento total desse patrimônio. A partir dos levantamentos bibliográficos, cujo espaço de tempo entre um registro e outro é consideravelmente longo, e a partir desses dados em que o pesquisador se baseou é possível apontar o efeito das mudanças como, por exemplo, no aspecto verbal, na normativa sintática, justo, é claro, pela razão da língua estar atravessada de elementos de outras línguas que ainda convivem no mesmo espaço, ademais, a hegemonia da língua portuguesa sobre a língua em apresentação traz os seus respectivos efeitos. Não obstante, o que realmente torna esse trabalho significativo para muitos do povo, principalmente a esperança dos jovens é o gosto em poder sentir minimamente o corpo da língua, o gosto em sentir e ter esse corpo como parte pertencente ao universo Balatiponé, terra Balatiponé.

Já a gramática, gramática é a língua e a língua é o que nós somos, sendo dessa natureza, ela acompanhará toda a construção, toda a transformação que a língua, em si, vive, como um corpo pleno de vida. A novidade que esse trabalho investe em apresentar é a possibilidade de conversação. Fortalecer o desejo de continuar a parceria com as escolas locais do território indígena; instigar jovens e adultos e toda comunidade Balatiponé a conhecer sobre si mesma, sobre sua memória enquanto coletivo étnico-ancestral através da preservação linguística. Será mais uma contrapartida com margens para continuidade de trabalhos desse mesmo teor, suscetível a enriquecimento. Paykuripiá makewá!!

Referências Bibliográficas

- ALVES, A.J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n.77, p.53-61, 1991.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. Introdução: gramática, a quem será que se destina?. In: _____. *Gramática Pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BOMFIM, A. B. Patxohã, língua de guerreiro: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. Salvador, UFBA, 2012.
- CAMARA JR. J. Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- CRUZ, Mônica, 1968- *Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural*. Campinas, SP, 2012.
- CAMARA JR. J. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Frade, Isabel Cristina Alves da Silva; Costa Val, Maria da Graça; Bregunci, Maria das Graças de Castro (Orgs). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- ILARI, Rodolfo. Linguagem – Atividade Constitutiva (Ideias e Leituras de um Aprendiz). *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n.61, especial, p.45-76, 2003.
- KEZO, Ariabo. *Língua e Cultura Indígena Umutina no ensino fundamental*. São Carlos/SP: Universidade Federal de São Carlos, LEETRA, 2012.
- KEZO, Ariabo. *Mataré Balatiponé: falando em Balatiponé*. São Carlos/SP: Universidade Federal de São Carlos, LEETRA, 2015.
- LIMA, Stella Telles P. A língua Umutina: um sopro de vida. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Pernambuco, 1995.
- LOUKOTKA, Chestmír. A língua dos Patachos. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. 55, p 5- 15. São Paulo: Departamento de cultura.1939.
- MARTINS, M. S. C. *Saussure e o Curso de Linguística Geral: valores, confrontos, desconstrução*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

- MARTINS, M. S. C. Temas geradores e artefatos culturais: ensinando línguas na educação indígena diferenciada. In: Gomes, Antonio Almir Silva. (Org.). *Ensino de línguas e educação escolar indígena*. Macapá: UNIFAP, 2019.
- MELGUEIRO, Edílson Martins Baniwa. *Sobre a natureza, expressão formal e escopo da classificação linguística das entidades na concepção de mundo dos Baniwa*. Brasília/DF, 2009.
- NAVARRO, Eduardo. Curso de língua geral (nheengatu ou tupi moderno) a língua das origens da civilização amazônica. São Bernardo do Campo: Paym, 2011.
- QUEZO, Luizinho Ariabô. Construção de frase na língua Umutina a partir de seus elementos culturais. *Monografia* 2010. Faculdade Indígena Intercultural. Barra do Bugres-MT.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *As línguas indígenas brasileiras*. São Paulo: Editora Loyola, 1986.
- SANTOS, Boaventura Souza. *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SCHULTZ, Harald. *Vinte e três índios resistem à civilização*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, [1921] 1980.
- TAGLIAVINI, J. V.; TAGLIAVINI, M. C. B. *Estrutura e funcionamento da educação básica*. São Carlos: Editora do Autor, 2016.
- TAN HUARE, Ducinéia. *Léxico remanescente Umutina: repertório linguístico de seus lembrantes*./Ducinéia Tan Huare. Cáceres/MT: UNEMAT, 2015.
- WHORF, Benjamin. *Lenguaje, pensamiento y realidad* / Benjamin Lee Whorf. Barcelona: Barral, [1956] 1971.